

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

CORREIO BRAZILIENSE



11º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação / Projeto Memória



COMO A EDUCAÇÃO PODE MUDAR O MUNDO?

**VEJA AQUI AS REDAÇÕES
VENCEDORAS DO CONCURSO**



IPF
Instituto Paulo Freire

BR
PETROBRAS

Fundação
Assis Chateaubriand

ASSOCIADOS
IDENTIDADE COM O BRASIL

**FUNDAÇÃO
BANCO DO BRASIL**

Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



Comissões Julgadoras

Seis Comissões Julgadoras formadas de professores, escritores e líderes de entidades culturais trabalharam na seleção dos melhores trabalhos abordando o tema "Paulo Freire: Transformação pela Educação".

São os seguintes os membros das Comissões Julgadoras do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand 2005/Projeto Memória, pela ordem alfabética:

Adison do Amaral, Adriana Guimarães, Affonso Heliodoro dos Santos, Aldo Vinholes Magalhães, Alfredo Oton de Lima, Alice Scartezini, Ana Deocleci Bakos Dalcin, Anderson Braga Horta, Antônio Edvar de Araújo Lima, Áurea Maria Pimenta, Cleane do Vale Silva Lima, Cleusa Neves da Silva Lopes, Daniel Carneiro do Nascimento, Denise Coelho, Doralice Oliveira Gomes, Édna Maria Bezerra de Almeida, Ednaldo Rodrigues de Almeida, Edriane Madureira Daher, Elisete Cátia Moreira, Fábio da Costa Sampaio, Fagundes de Oliveira, Flávia Maria Cotrim Vasconcelos, Grácia Cantanhede, Helena Albertani, Hilma de Fátima Ferrão, Idenilde Rodrigues Mascarenhas, Inocêncio de Jesus Viegas, Jacinto Guerra, João Carlos Taveira, José Ferreira Simões, José Ribamar de Oliveira Madeira, Kurt Pessek, Leon Frejda Szklarowsky, Lourierdes Fiuza dos Santos, Luciene Trindade de Souza, Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira, Manoel Martins Pereira, Maria Aparecida Jales De Lamar, Mário Tomelin, Nazareth Tunholi, Neusa França, Palmerinda Donato, Renata Rolim Andrade, Renato Carvalheira, Ronaldo Alves Mousinho, Simone Silva, Telma de Fátima Ferrão, Vanda Aparecida Aguiar Silva, Vera Lúcia de Oliveira Jesus, Verônica Rebouças Coelho, Vivian Fernandes Martins Barbosa,

Os membros das Comissões Julgadoras receberão também diplomas na festa de premiação dos vencedores.

Vencedores

A entrega dos prêmios será feita hoje, às 10h, em solenidade a se realizar em Brasília, sede da Fundação, no auditório do jornal Correio Braziliense (Setor de Indústrias Gráficas, lote 340).

O Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação 2005/Projeto Memória é o décimo primeiro concurso promovido pela Fundação Assis Chateaubriand e, este ano, em parceria com a Fundação Banco do Brasil objetiva motivar os estudantes brasileiros para a redação de textos, dentro do seu projeto de incentivo à educação e à cultura.

As versões anteriores do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação enfocaram os seguintes temas: "Assis Chateaubriand - Vida e Obra", em 1992, para comemorar o centenário de nascimento do fundador dos Diários Associados; "O Papel do Jornal na Sociedade", em 1995-1996; "Minha Cidade, Minha Vida", em 1997; "Exemplos de Vida na Minha Cidade", em 1998; "A Importância

Contemplando alunos de todos os estados, as seguintes escolas foram classificadas:

ENSINO FUNDAMENTAL, 1ª A 4ª SÉRIES

1º lugar: Bruno do Nascimento Duarte, Escola Classe 410 Sul, de São Sebastião-DF;
2º lugar: Louise Galvão de Ávila, Instituto Educacional Paulo Freire, de Campo Grande-MS;
3º lugar: Thamires Siqueira Rocha, Instituto de Educação Deputado Luiz Pinto, de Valença-RJ.

MENÇÕES HONROSAS:

Leandra Correia de Souza (Magé - RJ); Renan José da Silva (Navegantes - SC); Pedro Henrique Beghelli (Brasília - DF); Bruno Olandin Ribeiro (Sertãozinho - SP).

ENSINO FUNDAMENTAL - 5ª A 8ª SÉRIES

1º lugar: Rafael Vendramin, Colégio Estadual Tiradentes, de Nova Prata- RS;
2º lugar: André Ribeiro do Prado, E.E.F. Madre Maria Avasani, de Rodeio- SC;
3º lugar: Rafael Luís Junqueira Costa, E.E. Godofredo Rangel de 1º e 2º graus, de Três Corações- MG.

MENÇÕES HONROSAS:

Nilma Rodrigues Dourado (Cururupu - MA); Juliellen Lima Almeida Milagres (Samambaia - DF); Cristiana Gibson de Castro Gonçalves (Belo Horizonte - MG); Marília Andrade Bezerra (Campina Grande - PB).

recebem prêmios hoje

OS PRÊMIOS

Ensino Fundamental 1ª a 4ª séries	Ensino Fundamental 5ª a 8ª séries	Ensino Médio	Universitário	Alfabetizador	Estudante do EJA
1º Lugar R\$ 2.000,00	1º Lugar R\$ 4.000,00	1º Lugar R\$ 6.000,00	1º Lugar R\$ 8.000,00	1º Lugar R\$ 9.000,00	1º Lugar R\$ 2.500,00
2º Lugar R\$ 1.000,00	2º Lugar R\$ 2.000,00	2º Lugar R\$ 3.000,00	2º Lugar R\$ 4.000,00	2º Lugar R\$ 4.500,00	2º Lugar R\$ 1.500,00
3º Lugar R\$ 500,00	3º Lugar R\$ 1.000,00	3º Lugar R\$ 1.500,00	3º Lugar R\$ 2.000,00	3º Lugar R\$ 2.250,00	3º Lugar R\$ 1.000,00

do Brasil", em 2002; "Oswaldo Cruz, a Saúde Pública e a Nossa Realidade", em 2003; "Josué de Castro por um Mundo sem Fome", em 2004. E, neste ano de 2005, "Paulo Freire: Transformação pela Educação".

O Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de

do Computador no Mundo Moderno", em 1999; "O Brasil que Podemos Fazer", em 2000, "O Esporte contra as Drogas", em 2001; "A Importância do Presidente Juscélio Kubitschek na História Contemporânea

Redação 2006/Projeto Memória terá como homenageada Nísia Floresta e, como nas edições anteriores, destina-se a estudantes do ensino fundamental, médio e universitário de todo o País.

OS VENCEDORES

dos os níveis de ensino - fundamental, médio e universitário - são os
dos em 1º, 2º e 3º lugares, bem como os que obtiveram Menção Honrosa.

ENSINO MÉDIO

1º lugar: Danilo Douglas Martins Barbosa, Escola Estadual Francisco Campos, de Dorcas do Indaiá - MG;

2º lugar: Jaqueline da Silveira, E.E de Educação Básica Antônio João Zandoná, de Barra Funda - RS;

3º lugar: Yasodhara Passos Lima e Soares, Colégio Santo Antônio, de Belo Horizonte-MG.

MENÇÕES HONROSAS

Izabella Agostinho Pena (Belo Horizonte - MG); Fabrício Bonora Freire (Adamantina - SP); Flávio Augusto Queiroz e Silva (Brasília - DF); Fernando Lucas Pereira (Patos de Minas - MG).

NÍVEL UNIVERSITÁRIO

1º lugar: Enrique Carlos Natalino, Faculdade de Direito do Largo de São Francisco -Universidade de São Paulo(USP), de Bela Vista - SP;

2º lugar: Clênio Sierra de Alcântara, Universidade Federal de Pernambuco, de Itamaracá-PE;

3º lugar: Pedro Carvalhaes Vieira, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, de Belo Horizonte- MG.

Menções Honrosas: João Telésforo de Medeiros Filho (Brasília - DF); Francisco das Chagas Sousa (Caxias - MA); José Sebastião Galdino Dias (Uberaba - MG); Maria da Glória Mendes Cavalcante (Toritama - PE).

ALFABETIZADOR

1º lugar: Maria José Gralato Batista, Centro Sócio-

Cultural Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de Nova Friburgo -RJ;

2º lugar: Idé Carneiro Rodrigues Alves da Silva, CEssec- Récio de Souza Ribeiro, de Raul Soares - MG;

3º lugar: Lúcia Helena Alves de Sá, Instituição de ensino: Centro de Ensino Fundamental 104 Norte, de Brasília -DF.

Menções Honrosas: Angela Maria Leonardo Silva (São Luís - MA); Grasielle Isabel Ruppenthal (Peabirú - SC); João Augusto Gonçalves dos Santos (Montes Claros - MG); Catarina Aparecida Vettori Minks (Piratuba - SC).

ESTUDANTES DO EJA

1º lugar: Antônio Daniel dos Santos Oliveira, Escola Municipal Professora Yolanda Pinto Cabral, de Balneário Piçarras -SC;

2º lugar: Clarice Terezinha Schuh Kreutz, Escola Estadual de Educação Básica Cruzeiro, de Santa Rosa -RS;

3º lugar: Maria Ângela Totô Zeferino, Escola Estadual Professor Emílio Pereira de Magalhães, de Itabira -MG.

3º Lugar: Maria Divina Pereira dos Santos, E.E. Dr. Carlos Albuquerque, de Montes Claros - MG
Menções Honrosas: Alexandro de Sousa Furtado (Aguiarnópolis - TO); Manoel Messias Moura (Nossa Senhora das Dores - SE); Carlos Antônio de Moraes (Cocalzinho - GO); Maria de Fátima Fernandes Filho (São Paulo - SP)



SEMIFINALISTAS

Além dos estudantes classificados em 1º, 2º e 3º lugares e os que obtiveram Menção Honrosa, receberam

ENSINO FUNDAMENTAL - 1ª A 4ª SÉRIE

Amanda Oliveira Gomes, Mogi Mirim/SP; Anna Carolina Santana dos Santos, Ceilândia/DF; Anna Carolina Souza de Carvalho, Brasília/DF; Aryanne Houston Ferreira da Silva, Camaragibe/PE; Camila de Sousa Pereira, Ceilândia/DF; Carolina Pandes Campolina Ervilha, Gama/DF; Cibele Valério Bonfim, Samambaia/DF; Danilo Cerqueira da Silva, Ceilândia/DF; Débora Francieli Squiba, Tibagi/PR; Edimilson James Rodrigues Aires, Ceilândia/DF; Eryck de Oliveria Silva, Samambaia/DF; Fabiana Menezes P. Silva, Samambaia/DF; Gabriela Siqueira Rodrigues C. de Faria, Belo Horizonte/MG; Isabela Ribeiro de Oliveira, Brasília/DF; João Filipe Vilhena Nunes de Amorim, Brasília/DF; Júlia Rebeca Elias Freire da Silva, Brasília/DF; Juscelia Silva Pereira, Lago Azul/GO; Ketlin Cristina Frade, Apucarana/PR; Ketterly Nayara Correia, Nova Londrina/PR; Laís Meneses dos Santos, Sobradinho/DF; Letícia Rafaela Alberti, Tibagi/PR; Lígia Ribeiro Farchi, Itaú de Minas/MG; Liz Oliveira Mascarenhas, Belo Horizonte/MG; Lucas Saldanha dos Santos, Gama/DF; Maria Carolina Bitu Lira Cavalcante, Recife/PE; Mariana dos Santos, Ibiá/MG; Mariane Martins Pessoa Costa, Brasília/DF; Matheus Filipe Silva Nunes, Ceilândia/DF; Matheus Henrique Martins Costa, Recife/PE; Michael Fernandes de Souza, Samambaia/DF; Nathan Batista David, Belo Horizonte/MG; Paloma da Costa Silva, Samambaia/DF; Rafael Caíres de Queiroz, Ceilândia/DF; Rafael Calvão Sales, Gama/DF; Sara Esteves, Gama/DF; Sarah Ribeiro Alves, Belo Horizonte/MG; Sindy de Medeiros Queiroz, Samambaia/DF; Stephany Mendes de Oliveira, Recife/PE; Tainá Ernane Monteiro, Ceilândia/DF; Thaís Icharclosim Gonçalves, Morrinhos do Sul/RS; Vicente de Paulo da Mota Sousa, Bom Jardim/PE; e, Vitor Ramagem, Brasília/DF.

ENSINO FUNDAMENTAL - 5ª A 8ª SÉRIE

Adriana Dantas, Tocantinópolis/TO; Ana Chaves da Purificação, Santa Maria/DF; Anderson do Nascimento, Guabiruba/SC; Anderson Lorenzoni Monhol, Planaltina/DF; Andressa Cristina da Silva Santos, São Paulo/SP; Ariane Helena da Silva, São Paulo/SP; Camille Sales de Souza, Sobradinho/DF; Daiane Bueno Lyra, Botucatu/SP; Daphne Kristhel de Moraes Rosales, Sobradinho/DF; Débora Helena Alves de Oliveira, Brasília/DF; Douglas Henrique A S de Andrade, Gama/DF; Edilayne Lunara Santos, Macau/RN; Érika Pinheiro Martins, São Paulo/SP; Flávia Aparecida Pereira de Souza, Elói Mendes/MG; Francisca Susany de Jesus Sousa, Monsenhor Hipólito/PI; Gabriela Agnes Barbosa Maia, Macau/RN; Gabriele Sabrina da Silva, Belo Horizonte/MG; Gabrielle Santos Oliveira, Brasília/DF; Geisefane Barbosa do Prado, Carpina/PE; George Allan T. Balduino, Cruzeiro/DF; Gisele Cristina da S. Gomes, Samambaia/DF; Giselle Devanir de Oliveira, São Paulo/SP; Grislaïne Coelho Schueler, Casimiro de Abreu/RJ; Hamilton Lustosa Chagas, Gama/DF; Hugo Leonardo de Oliveira Rocha, Contagem/MG; Isadora Cristine Dourado Araújo, Gama/DF; Jackson Cardoso da Silva, Janaúba/MG; Jean Francisco de Souza, Planaltina/DF; Jeane Santos Silva, São Paulo/SP; Jenner Pinheiro de Oliveira, Samambaia/DF; Jéssica Luisa G. Ribeiro, Taguatinga/DF; Jhessica

Garcia Fonseca, Fronteira/MG;

João José de Sousa Filho, Monsenhor Hipólito/PI; Júlio César R. Lima, Cruzeiro/DF; Karin Cilana da Rosa, Realeza/PR; Kelly Resende Alves, Taguatinga/DF; Kerolyn Kelyn da Silva, Parati/RJ; Larissa Fanton Cantazini, Bariri/SP; Larissa Maria da Trindade, Santa Cruz de Minas/MG; Lauan Figueredo Varela, Recanto das Emas/DF; Lays Pinheiro Araújo, São Pedro da Aldeia/RJ; Leidiane de Fátima Alves Benevides, Elói Mendes/MG; Lia Samantha Rolnn, Taguatinga/DF; Lizzianne Carvalho Medeiros, Campina Grande/PB; Louis Bernad Tranquillin Filho, Gama/DF; Lucas Lopes de Souza, Gama/DF; Luis Carlos Alexandre de Andrade, Samambaia/DF; Marcio Sakyo Poffo Taniguti, Pinhais/PR; Marina Gonçalves Assis, Campina Grande/PB; Marina Thaiane de Araújo Maia, Macau/RN; Michele Moraes, Samambaia/DF; Mirelle Pereira do Nascimento, Samambaia/DF; Nathany Leal Coriolano, Cruzeiro/DF; Paula Agostini, Barra do Rio Azul/RS; Poliene da Silva Nunes, São Domingos/MA; Polyana Raquel dos Santos Silva, Macau/RN; Priscila Kelly da Silva Conserva, São Paulo/SP; Raiza Resende Rodde, Belo Horizonte/MG; Raphael Araújo de Fraga, Paulista/PE; Rayane Marques Moreira, Perdizes/MG; Rebeca Bárbara da Silva Rio, Gama/DF; Roberta Pires de Moraes, Peixe/TO; Rodrigo Amorim Torres, Belo Horizonte/MG; Thainara Rego Neves, Santana/AP; Thaís Lins Gemir, Recife/PE; Thayna do Nascimento Tavares, Campina Grande/PB; Valquíria A. Ferreira, Samambaia/DF e Wendel Rosa Borges, Breu Branco/PA;

ENSINO MÉDIO

Aliny Dayany Pereira de Medeiros, Natal/RN; Alyce Vieira de Oliveira, Palmeira dos Índios/AL; Ana Carolina Greef, São Bento do Sul/SC; Ana Carolina Silva Coutinho, Paranoá/DF; Bruna Carla Madalosso Caporalini, Gama/DF; Bruna Lopes do Nascimento, Três Rios/RJ; Cássio Cardoso da Silva, Janaúba/MG; Cirilene Carneiro de Araújo, Salvador/BA; Danielle Maria da Cruz, Vassouras/RJ; Deisi Anne Assis Custódio, Brasília/DF; Diana Sousa Terêncio, Condeúba/BA; Elias dos Santos Pinto, Santa Luzia/MG; Evelyn Dornelles Souza, Gama/DF; Fernanda Tartalha do Nascimento, Itupeva/SP; Flávio de F Nascimento, Novo Gama/GO; Francielli Eugénia Gadote, Santa Gertrudes/SP; Gabriel Freitas de Aviz Ferreira, Taguatinga/DF; Gislene Lima do Nascimento, Mauá/SP; Gláucia Medeiros de Oliveira, Brasília/DF; Hozana de Sousa Licar, Vitória do Mearim/MA; João Paulo Honario, Lagoa de Pedras/RN; Jônatas Souza de Abreu, Natal/RN; José do Carmo Cruzeiro, Gama/DF; José Marcos Rodrigues da Silva, Sarandi/RS; Josias José Sebastião, Recife/PE; Juliana Boaventura Siqueira, Uruguiana/RS; Júlio César de Oliveira, Jarú/RO; Julyanna Martins Santana, Miracema do Tocantins/TO; Karoline Azerêdo Campelo, Santo Antonio de Pádua/RJ; Leda Macedo, Capitólio/MG; Lídia Ferreira da Silva, Belém/AL; Magno Silva, Belford Roxo/RJ; Maria das Dores Correa de Araújo, Recife/PE; Mariana de Oliveira Justi, Santa Bárbara do Oeste/SP; Marisa de Souza Alves, Condeúba/BA; Matheus de Assis Vieira, Goiânia/GO; Mayara Cruz da Silva, Silva Jardim/RJ; Mayra Man-

ão também diplomas os seguintes semifinalistas:

zano Lopes, Atílio Vivacqua/ES; Mileyde Salete de Araújo, Ceilândia/DF; Noeli Machado Soares Muniz, Ferreira/BA; Paulo Ricardo Rabelo de Melo, Brasília/DF; Priscilla Caroline de Sousa Brito, Samambaia Sul/DF; Reginaldo Correia da Silva, Recife/PE; Richardson Donizeti Gonzaga, Elói Mendes/MG; Roidson Santos Francelino, Cupira/PE; Sebastião dos Santos Silva, Fátima/BA; Sidnéia Rodrigues Dias, Condeúba/BA; Sílvia Rafaella de Almeida, Tuparetama/PE; Tauana Pereira Vieira, Araçuaí/MG; e, Thiago Silveira Garcia, Guará/DF.

ENSINO UNIVERSITÁRIO

Adriana Carla Bernardo Dias, Recife/RE; Aline Giovana Flach, Santa Maria - RS;
Ana Lucia Lucas da Silva, Carpina/PE; Anselmo de Oliveira Santos, Novorizonte/MG; Danilo Vizibeli, Passos/MG; Edvaldo Rafael Gusmão Diniz, Maranhão/MA; Emiliana Silva, Pedro Leopoldo/MG; Henrique Lima Quites, Cidade Nova/BH; Iran Felix de Lira, São Lourenço da Mata/PE; Jader Fernandes Maciel, Taguatinga/DF; Jane Pedrita Soldtner, Itajubá/MG; Joana Darc Rodrigues Ferreira, Niterói/RJ; João Jacques de Freitas Gonçalves, Belo Horizonte/MG; Jury Antonio Dall Agnol, Chapecó/SC; Kilma Maria Buonafina Silva, Recife/PE; Luceni dos Santos Pereira, Itapuranga/GO; Luciana Rodrigues de Araújo, Campina Grande/PB; Maria do Carmo Pereira de Oliveira, Belo Horizonte/MG; Miriam de Albuquerque Rodrigues, Ananindeua/PA; Roberta Chiesa Bartelmebs, Passo Fundo/RS; Ronaldo Rodrigues da Silva, Palhano/CE; Sâmya Petrina Pessoa Oliveira, Juiz de Fora/MG; Susidarley Moreira Galvão Amorim, Araxá/MG;
Thatianne Basson Meira Rodrigues, Rio de Janeiro/RJ; Varnecki Santos do Nascimento, Guarabira/PB; Victorio Carvalho de Paula Lima, Volta Redonda/RJ; e,
Waldimir Rodrigues Viana, Belo Horizonte/MG.

ALFABETIZADOR

Ana Margarida de Brito, Atibaia/SP; Carlos Alberto Scanssette Fernandes, Paço do Lumiar/MA; Cleiane Grace de Sousa Queiroz, Canarana/BA; Edilândia Aparecida Teles Alves, Canarana/BA; Edith Klotz Braga, Guaçuí/ES; Gilcéia Leite dos Santos Fontenele, Samambaia/DF; Ione Aparecida Dias, Ibirité/MG; Isabela Costa Vargas, Duque de Caxias/RJ; Jafe da Silva Cardoso, Medeiros Neto/BA;
Joédiva da Silva Muniz, Santo Antonio de Pádua/RJ; Maracy Nascimento Mourão, São Sebastião/SP; Márcio Leandro Silva, Pocinhos/PB; Piedade Pires de Moraes, Guarantã do Norte/MT; Roque Plínio Loss, Rio de Janeiro/RJ; Rossana Saboia da Costa, Natal/RN; Shyrlei Moreira, Guarani/MG; e, Solene Ferreira da Silva Viana, Monte das Cameleiras/RN.

ESTUDANTES DO EJA

Darcy Dallabrida, Nova Ramada/RS; e, Joana Neta Soares Ferreira, Novo Gama/GO.



Viajando com P



**BRUNO DO NASCIMENTO
DUARTE**
ESCOLA CLASSE 410 SUL
ASA SUL - DF

CATEGORIA
ENSINO FUNDAMENTAL
1ª A 4ª SÉRIE

CLASSIFICAÇÃO
1º LUGAR

PROFESSORA
SILVIA

Estive pensando, pensando... Como farei uma redação sobre Paulo Freire? Como colocarei no papel coisas tão importantes ligadas a educação?

Foram horas, dias, até que como um estalo as idéias começaram a surgir.

Pensei: tenho que ser bem realista, verdadeiro, mostrar o que realmente penso.

Tudo começou na sala de aula quando a professora falava do concurso. Não me interessei muito pelo tema, confesso, pois não o conhecia. Quanto à premiação me deixou animado, também se tratava de um desafio e desafios... estou dentro!

Iniciei então uma maratona de pesquisas, busquei em livros, jornais, internet. A cada passo que lia algo sobre Paulo Freire fui ficando curioso e, claro, voava com meus pensamentos. Na imaginação já me peguei numa sala de aula ao lado de Paulo Freire, ouvindo e vendo tudo, só ele não

me via.

Paulo falava:

— Seu José vamos conhecer melhor o senhor, pode nos contar um pouco a respeito de sua vida?

— Ah! Sr. Paulo, num tenho muito, o que diz. Minha vida num tem histórias que trazem alegrias.

— Mesmo assim seu José, eu insisto, gostaria de ouvi-lo.

Seu José meio sem graça contava:

— Só do interior de São Paulo, si de lá pra modo de que a vida tava muito difícil. Na roça já trabaei com coieita de café, com soja, com arroz... mas como la o dinheirinho era tão curto, resolvi vim pra cidade grande...

E assim. Seu José foi desabafando diversas situações já vividas por ele.

Paulo Freire vendo que se tratava de um homem muito, muito machucado pela vida o tratou com carinho mas não deixou de prosseguir com a alfabetização. Utilizava palavras ligadas à vida daqueles trabalhadores.

Paulo Freire me parecia uma boa

Paulo Freire: "Educação para a transformação."

Na minha opinião de criança, ser educado é muito importante para as pessoas, pois pessoas educadas respeitam umas as outras e não promovem a violência.

No dicionário, encontrei uma outra explicação: "educação, s. f. instrução, ensino, cortesia."

Estudando a biografia de Paulo Freire, aprendi que ele foi um dos mais importantes educadores do século XX, porque acreditava que a educação podia transformar a sociedade.

Hoje acredito que o que Paulo Freire queria dizer é que a educação é o ponto de partida para conhecermos o mundo, pois quando leio as histórias dos meus livros, conheço lugares, costumes, pessoas e posso então entender que as pessoas são diferentes, posso respeitá-las, mudar minhas opiniões, ajudando a transformar o mundo em que vivemos num lugar muito melhor.



LOUISE GALVÃO DE ÁVILA
INSTITUTO EDUCACIONAL PAULO
FREIRE, CAMPO GRANDE- MS

CATEGORIA
ENSINO FUNDAMENTAL
1ª A 4ª SÉRIE

CLASSIFICAÇÃO
2º LUGAR

PROFESSOR
ROSELI M.
MATOS MAURO



THAMIRES SIQUEIRA
INSTITUTO D
DEPUTADO
VALÊN

CATEG
ENSINO FUNDAMENTAL
1ª A 4ª SÉRIE

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSORA
ROSÂNGELA
OLIVEIRA

Paulo Freire

peessoa com jeito simples, muitas vezes ouvia os alunos como se ele fosse o aluno.

Ah! Sim! Agora entendo o que ele queria dizer: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender."

A cada dia que eu o acompanhava em minha imaginação fui me surpreendendo com suas atitudes achei incrível como Paulo convencia as pessoas de que precisavam uma das outras.

Todos os alunos foram conhecendo uns aos outros e aprendendo uns com os outros. No geral a classe toda teve um bom desempenho, pude perceber a alegria no rosto daquelas pessoas.

Outro dia recomencei a viajar na imaginação, procurei Paulo Freire no seu escritório, nas escolas, nas bibliotecas, nas ruas e ... nada, não o achei. Fiquei preocupado e curioso em saber o que havia acontecido. Resolvi pesquisar, fiz uma descoberta

que me deixou triste; expulsaram o meu amigo do país, não queriam que ele falasse, ajudasse as pessoas a não serem mais enganadas e exploradas. Meu amigo só queria fazer as pessoas verem seus valores e capacidades de mudar a ter um país para melhor.

Já não podia disfarçar minha tristeza, meu amigo estava tão distante, não podia acompanhar suas idéias. Estava andando pelas ruas e sem perceber parei em frente a uma livraria, entrei, vi alguns livros, quando tive uma ótima surpresa, achei um livro de Paulo Freire. Muito feliz pude continuar viajando, matando minhas curiosidades, aprendendo.

Paulo Freire fez sua parte na educação porque acreditava num futuro melhor para as pessoas, para o país.

Agora é nosso dever continuar acreditando, lutando porque o futuro depende do que nós fazemos agora. Então quero aprender como posso fazer um amanhã melhor.

Paulo Freire é especial



RES SIQUEIRA ROCHA
TUTO DE EDUCAÇÃO
ITADO LUIZ PINTO,
VALÊNCIA - RJ

CATEGORIA
NO FUNDAMENTAL
1ª A 4ª SÉRIE

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSORA
ANGELA DE MATTOS
SILVEIRA BATISTA

Eu estou na primeira série e gosto muito de escrever.

A tia, minha professora, sempre fala que eu sou a aluna que gosta mais de escrever.

Eu ouvi falar no concurso sobre Paulo Freire e resolvi fazer essa redação.

Antes eu li o que a Internet trouxe sobre ele.

Achei a vida dele muito bonita porque ele foi um homem que se dedicou ao ensino durante todo o tempo.

Li que ele ensinou a todo tipo de pessoas, crianças, adultos, em muitos lugares do mundo.

O ensino dele é uma coisa nova e deu muito certo.

Gente do mundo inteiro elogia a obra dele.

Ele escreveu muitos livros sobre educação, todos eles muito importantes, ensinando a melhorar a vida das pessoas.

Eu gostei de saber que ele sempre falava com a mãe dele que não gostava de faltar ao colégio porque eu também falo isso com minha mãe.

Acho que quando eu crescer vou ainda procurar conhecer mais sobre Paulo Freire. Agora eu já conheço uma porção de coisas que mostram que ele foi um grande amigo dos estudantes e por isso eu gosto muito dele.

Vou terminar agradecendo a todos que me deram esta oportunidade de conhecer e escrever sobre este grande brasileiro.



Paulo Freire e seus ideais de transforma



RAFAEL VENDRAMIN
COLÉGIO ESTADUAL
TIRADENTES,
NOVA PRATA - MG

CATEGORIA
ENSINO FUNDAMENTAL
5ª A 8ª SÉRIE

CLASSIFICAÇÃO
1º LUGAR

PROFESSOR
EVERSON MARCA

Em uma longa vida Paulo Freire sempre lutou para a formação de uma sociedade mais igualitária e mais justa. Sempre lutou por um país mais democrático e humano.

Mesmo quando falamos do meio ambiente percebemos uma falta de educação com a natureza, vemos milhares de hectares devastados, incêndios, lixo em rios e assim por diante.

Paulo Freire sonhou e lutou para tentar conquistar um de seus ideais que era de formar uma sociedade de igualdade, justiça e amor com o povo, mas infelizmente não é o que ocorre hoje vemos pessoas jogando fora comida enquanto outras pedem esmola para dar comida aos seus filhos. Paulo lutou para um país com igualdade social e voltado principalmente para a educação de crianças, jovens e adultos os quais, muitos ainda analfabetos. Políticos corruptos se lembram do povo na hora das eleições. Esquecem das nossas crianças que passam fome e sem condições de ir a escola. Políticos que envergonham o nosso país com tanto roubo e corrupção.

Paulo Freire sempre defendeu que: " lugar de

criança é na escola". Enquanto uma criança está na escola não está na rua usando drogas, envolvida com a criminalidade. A educação é a chave para a boa convivência do povo.

Paulo Freire foi idealizador de projetos indispensáveis para todo o ser humano. A idéia que se construa um mundo mais humano, onde devemos ajudar os outros sem esperar algo em troca.

Uma pessoa bem educada é vista como exemplo por crianças e jovens. É respeitada porque sabe respeitar e é conhecida em sua comunidade.

Paulo Freire incentivava a população mais pobre a frequentar a escola e até mesmo a faculdade, proporcionando melhorias na educação do nosso país e no mundo.

Paulo Freire dizia que o professor deveria ajudar o aluno a idealizar pensamentos e dizia que era errado o método de ensino de um professor. É como se o professor fosse um poço de informações e que devesse transferir seus conhecimentos obrigando o aluno a aprender.

Paulo não conseguiu conquistar alguns de

A importância de saber ler e escrever para Paulo Freire

A alfabetização é um instrumento de integração, comunicação, entendimento, expressão e capacitação, possuir o domínio da leitura e da escrita não é só algo que te auxilia e ajuda nesses tempos modernos, mas para Paulo Reglus Neves Freire, nascido no dia 19 de setembro de 1921 em Recife, isso é um modo de vida, algo que lhe dá as " respostas dos desafios da sociedade" e que transforma o mundo, o homem e toda a sociedade.

Freire pensou muito na importância da alfabetização e talvez, como ela faz falta para muitas pessoas desse nosso Brasil.

Para ver a importância da alfabetização, deve-se colocar num lugar de um analfabeto, é como ver várias linguagens, enigmas, símbolos, avisos, leituras e documentos e parecer estar num mundo estranho e desconhecido, um membro excluído da sociedade e não era isso que Freire queria para nós, pelo contrário, ele usou seu talento de alfabetizador não só para ensinar os outros a ler e a escrever, mas como um " conhecimento que elege uma transformação social para criar uma sociedade, democrática e igualitária", ou seja,

seu modo de educar também era para transformar as pessoas em cidadãos.

Um exemplo da grande capacidade de Freire foi quando ele alfabetizou 300 adultos, ensinando-os a ler e a escrever em 45 dias. Seu trabalho com as pessoas pobres foi merecidamente aclamado.

A leitura e a escrita são o mais poderoso meio de comunicação, que permite entender e apreciar as idéias dos outros e expressar as suas, mostrar o que se sabe, o que se quer dizer para o resto do mundo e o que os outros estão lhe transmitindo ou expressando, isso também ajuda o indivíduo a se integrar no mundo de um modo igualitário e justo, exatamente como Paulo Freire pregou como educador.

Uma pessoa que lê e escreve muito possui um cérebro mais " desenvolvido", em questão de ter idéias rápidas, saber falar e se expressar melhor.

O governo começou a dar maiores investimentos na alfabetização de pessoas de todas as idades, isso porque sabe que somente um povo alfabetizado construirá um país forte e desenvolvido, claro que Paulo Freire sabia muito bem disso e nunca desistiu, pregou uma " prática educacio-



ANDRÉ RIBEIRO DO PRADO
E.E.F. MADRE
MARIA AVOSANI,
RODEIO-SC

CATEGORIA
ENSINO FUNDAMENTAL
5ª A 8ª SÉRIE

CLASSIFICAÇÃO
2º LUGAR

PROFESSOR
NEIVANE MARIZE V. GRAVA



ção

seus ideais. Ainda existem muitos conflitos neste mundo, muita população pobre sem acesso a escola algumas vezes até mesmo a criminalidade interfere na educação. Alunos de periferia tem medo de ir ao colégio e não voltarem mais.

A educação serve como "alimento" para o desenvolvimento de uma cidade, de um estado ou de um país. A educação ajuda as pessoas a se comunicarem, a conquistar princípios de desenvolvimento, ajuda entender o futuro e viver o presente com ideais que revolucionam a vida de todos nós.

A educação é fundamental para que se crie pessoas de paz, honestidade e harmonia que é a realidade que falta em nosso dia-a-dia. A educação transforma a vida das pessoas e todo mundo merece essa oportunidade com uma política correta, o apoio de empresários e organizações populares poderíamos construir novas escolas e universidades. Reformar e equipar as antigas instituições de ensino. Proporcionar cursos de formação para professores e educadores. Assim os sonhos de Paulo Freire estariam concretizados.

nal" cujo o uso da linguagem e da coletividade se tornaram elementos essenciais da alfabetização.

Ganhou prêmios pelos seus talentos em alfabetizar, em que usava a educação como uma prática para se conquistar a liberdade social e para fazer da leitura um modo de apreciar o mundo ao seu redor.

Freire tinha três filosofias: o existencialismo, o marxismo e a fenomenologia, e tentava usar essa filosofia pedagógica para buscar a realidade dentro do universo do educando.

Enfim, a importância de ler e escrever e de saber falar, se comunicar de todas as formas, se integrar, compreender o mundo ao seu redor e de um modo resumido: de saber se expressar e se comunicar com o mundo, e para Paulo Freire, é um modo que transforma a pessoa para viver melhor, de um modo digno, justo, democrático e igualitário. Com certeza, Paulo Freire não é só mais um educador, mas sim "o educador", que soube usar a alfabetização como um modo de "viver" o mundo, por isso ele foi um dos maiores educadores que o Brasil já teve e que com certeza nunca será esquecido.



Um mundo sem f



RAFAEL LUIS JUNQUEIRA COSTA
E.E. GODOFREDO RANGEL,
TRÊS CORAÇÕES-MG

CATEGORIA
ENSINO FUNDAMENTAL
5ª A 8ª SÉRIES

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSORA
AIDA HELENA A. J. COSTA

Meu bairro é formado de pessoas não muito ricas. Tem gente que não sabe ler; tem gente que passa fome e não tem uma boa casa para morar. No meu bairro tem escola que ensina as pessoas a ler, escrever, e a falar bonito. Eu estou fazendo a quinta série e tenho dez anos. Minha tia me falou desse concurso e eu resolvi participar.

Eu acho que a escola tem que ajudar todo mundo a aprender ler, escrever e a falar bonito. Eu sei ler e escrever, mas no meu bairro tem gente grande e pequena que não sabe.

Perguntei a minha tia o que é que esse Paulo Freire fez. Ela me disse que ele inventou coisas que ajudam a escola a ensinar as pessoas. Das coisas que ela me disse que ele fez, a que mais gostei foi o jeito que ele inventou de ensinar as pessoas grandes a ler e escrever, quando elas não sabem.

Vou explicar como era esse jeito de ensinar as pessoas. Esse jeito de ensinar inventado pelo Paulo Freire funcionava do seguinte mo-



DANILO DOUGLAS M. BARBOSA
ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO
CAMPOS, DORES DO INDAIÁ, MG

CATEGORIA
ENSINO MÉDIO

CLASSIFICAÇÃO
1º LUGAR

PROFESSORA
NÃO HOUVE

Eu, Paulo Freire

As árvores sempre atraíram Paulo Freire. Foram importantes em sua infância. Acredito que são para todos que, de certa forma, gostam de descobertas pois as sombras que elas fazem, formam desenhos que permitem, à luz do dia ou no silêncio da noite, encontrar muitas coisas e imaginar outras tantas. É a criação.

Freire falava de sonho e luz que, para mim, se traduzem em conhecimentos. Ainda mais quando os professores trabalham as matérias com assuntos próximos da gente e procuram colocar nos conteúdos, as experiências que trazemos de casa. Afinal de contas, aprende-se mais e melhor quando o que é transmitido lhe é interessante e familiar.

Freire também se refere a céu azul e horizonte fundo. Eu, já falo em aprendizagem que é capaz de tornar o que parece inalcançável, bem mais próximo de ser atingido. Ele cita sobrevivência e existência. Eu, junto os dois e procuro na educação, o caminho para construir o hoje e desenhar o amanhã.

Se somos seres da transformação o que de melhor para melhorar essa característica do que aprender? Afinal, como já diz minha mãe, conhecimento não ocupa espaço e mesmo que assim o fizesse, a gente acabaria dando um jeito de arrumar mais um cantinho para ele. Estilo coração de mãe, sabe: sempre cabe mais um.

Paulo Freire citou também sua biblioteca de adulto que tinha algo dessas árvores. Talvez, a sombra da mangueira de sua infância. Pode ser que fosse a idéia de fruto, de vida, do processo de maturação, de flores, sementes. Questão de tempo e conquista. E isso realmente acontece conosco. Para mim, a imagem disso, é a jaboticabeira no quintal de casa: quando observamos, sem pressa, vemos nos troncos mais do que madeira, flores e jaboticabas. Há, naquele espaço, todo um ecossistema existindo ali, bem perto de nós, ensinando que no mundo tudo está relacionado, como se fosse uma enorme rede, o que poderíamos explicar também como sendo a própria comunicação, em diferentes formatos, é verdade, mas, de qual-



Ministério
da Cultura



fome

do: ele usava palavras conhecidas dos alunos, que eram chamadas "palavras geradoras". Vou falar do exemplo que foi usado na construção de Brasília, a nossa capital. Eu tenho primos que moram lá. Para ensinar os operários que fizeram Brasília, os professores escolheram a palavra tijolo. Eles escreviam para os alunos a palavra inteira TIJOLO. Depois separavam as sílabas da palavra TI - JO - LO. Depois eles mostravam as famílias de cada sílaba: Ta - Te - Ti - To - Tu; Já - Je - Ji - Jo - Ju; La - Le - Li - Lo - Lu. Depois os professores pediam para que os alunos escrevessem novas palavras com estas novas sílabas. Esse jeito de ensinar continuava com a apresentação das vogais (a,e,i,o,u) e com palavras mais difíceis, como por exemplo as que têm dígrafos (lh, nh, ss, rr), como telhado ou massa. Muitas pessoas grandes aprenderam a ler e a escrever desse jeito.

Eu queria que na minha cidade todo mundo soubesse ler e escrever, pois saber ler e escrever ajuda as pessoas a arranjar um bom emprego, a ler histórias para seus filhos e ser mais feliz.

e e as árvores

quer jeito, comunicação mesmo.

Voltando às árvores...com elas, você aprende que se escorregar, você cai. Percebe que é necessário tempo para que as flores se transformem em frutas o que, na educação, é o tempo que cada um tem de aprender. Com elas, se experimenta a solidão que é diferente de estar sozinho pois trata-se de sentimento e não de situação. Sentimento que, como Freire observa, mostra a necessidade da comunhão que, no caso das árvores, se reflete - é bem provável - pelas visitas de abelhas, dos pássaros, do vento. De certa maneira, movimento - basta olhar as folhas se movimentando.

Freire falava também em conhecer com o corpo todo, com sentimentos, paixão e razão também e dizia sobre uma certeza fundamental: a de que posso saber. Sendo assim, se entende que a educação não é algo separado do ser mas uma parte da própria pessoa assim como a história que nunca é passado. Isso porque não se fala de lembranças usando verbos no pretérito mas, sempre no presente: as lembranças que tenho, eu lembro... Também seja por isso que o saber, como Freire falava, está sempre sendo.

Outra questão é a liberdade. Um poeta já dizia que essa é uma palavra que todo mundo entende mas que ninguém sabe explicar. Em Paulo Freire, ela talvez se traduza pela abertura de possibilidades que o conhecimento proporciona e aí então, outra vez, surge a idéia de horizonte azul e fundo e voltam-se as velhas perguntas de quando se é criança: porque o céu é azul e as árvores são verdes?

Hoje, acho que posso responder. São dessas cores porque foram nomeadas assim mas são profundas, porque possuem vários significados. Isso se aprende quando se encontra nas palavras, os texto, os contextos e as significações. Mas ainda: interpretações. E esse caminho, é o conhecimento que mostra para gente. Caminho que também é um processo que a gente nomeia de aprendizagem. E as árvores? Bom, elas estão no percurso mostrando que o processo requer tempo, é constante e se faz, também, de descobertas. Basta olhar para elas.



Instituto Paulo Freire



PETROBRAS

Fundação
Assis ChateaubriandASSOCIADOS
ENTREVISTA COM O PAULISTA

Paulo Freire v em minha esc



JAQUÉLI DA SILVEIRA
E.E. DE EDUCAÇÃO BÁSICA
ANTONIO JOÃO ZANDONÁ,
BARRA FUNDA-RS

CATEGORIA
ENSINO MÉDIO

CLASSIFICAÇÃO
2º LUGAR

PROFESSORA
SANDRA HELENA GAUER

Durante os anos em que cursei o Ensino Fundamental, ensinaram-me que aprender era decorar regras, conceitos, fórmulas, datas, etc, ou seja, todas aquelas coisas cheias de exatidão que nem sempre faziam sentido na minha cabeça. Ensinaram-me que o conhecimento estava somente nos livros didáticos, os quais deveriam ser devorados capítulo a capítulo. Ensinaram-me também, que eu deveria guardar aquilo que eu pensava estar aprendendo dentro das gavetinhas, umas separadas das outras, era para não causar confusão. De fato, eu entendia que havia, então, a gavetinha das letras e das palavras, a gavetinha dos números, a gavetinha das equações, a gavetinha das datas históricas e por fim a gavetinha das ciências naturais.

Na verdade, eu não entendia os significados daquelas gavetas, só que elas existiam e serviam para alguma coisa. O fato é que eu adorava colecionar aquelas provas com a nota "dez" e que melhor do que qualquer outro aluno de minha classe eu sabia de cor e salteado toda a tabuada. Mas de fato eu não sabia é que aquele método das gavetinhas era uma maneira de ensinar que a terra estava girando em torno do sol, enquanto eu estava dentro dela. Assim como milhares de outros estudantes estendidos sobre suas carteiras de frente para o quadro negro passam a vida seguindo o caminho que lhes são impostos, ao invés de trilhar sua própria estrada em busca do saber.

Devo admitir que não é nada fácil hoje, estando prestes a concluir o ensino médio e com infinitas dúvidas e incertezas fazer uma retrospectiva de minha caminhada escolar, do que significou e vem significando a escola durante essa etapa da vida. Essa etapa é, sem dúvida, a fase mais marcante de minha vida até o momento, e mais do que tudo, me constituirá como estudante, cidadã e sobretudo como ser humano.

E se hoje me vejo como sujeito da realidade e não apenas como objeto dela é porque em algum momento do caminho, ensinaram-me que as gavetinhas do meu processo de aprendizagem deveriam ser questionadas e foi aí que eu tive a oportunidade de começar a aprender realmente.

Isso aconteceu porque a escola onde passei a estudar, depois que com minha família transferi residência para um pequeno município, estava iniciando a organização de um processo educacional transformador e democrático. Não esqueço quando cheguei à escola, o vislumbre de uma professora ao relacionar fatos relevantes com os ensinamentos de Paulo Freire, até mesmo o dia em que suas colegas foram até a janela de seu quarto, numa bela serenata, homenageá-la com uma paródia de termo freireanos.

vivo cola

Com a contribuição da comunidade escolar, meus mestres começaram a me ensinar que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, como sempre dizia Paulo Freire. Através da pesquisa participante, que por hora é desenvolvida na escola, ensinaram-me a fazer e a compreender o estudo da realidade, para assim construir o conhecimento e em seguida aplicá-la a fim de contribuir na mudança das problemáticas visualizadas, na perspectiva da inclusão dos que historicamente lhes foi negado a palavra.

Ensinaram-me através das novas relações entre professores e alunos que o professor aprende enquanto ensina e que assim o aluno pode aprender mais.

Eu passei a aprender mais com meus colegas no momento em que começamos a socializar os conhecimentos, durante as formações letivas, onde cada turma socializa com os demais aluno e comunidade um pouco do que aprendeu em sala de aula. Hoje, percebo que colecionar nota "dez" não é a certeza de ter aprendido e sim que nota é uma simbologia relativa. Agora, passei a ser avaliada pelo conhecimento de acordo com minha percepção de realidade e do mundo e com as informações e estudos que, com dedicação, criticidade e argumentação, fui construindo o conhecimento. Sou avaliada pelo que decorei nos livros. Mais do que isso, agora eu também tenho a oportunidade de avaliar. Por isso percebo que é um momento de aprendizagem, em que aprendemos a superar nossas dificuldades e dar novos passos.

Ser sujeito de uma formação humanizadora por uma sociedade mais justa e democrática é descobrir novas potencialidades, é aprender, através da educação, como romper com os preconceitos e ser agente transformador da sociedade, do opressor versus oprimido.

Minha escola ensinou-me a ter e formar opinião própria, ensinou-me a estudar a história do homem simples do lugar e não somente decorar datas, causas e consequências, para assim conhecer o passado, compreender o presente e transformar o futuro. Com isso aprendi a indignar-me com as injustiças causadas por um sistema capitalista que nos nega até mesmo o sonho. Mas aprendi também a ter a esperança e acreditar na capacidade que temos de mudar essa realidade.

É por isso que Paulo Freire está vivo dentro de minha escola e, sobretudo porque hoje estou aprendendo a aprender, aprendendo a fazer, aprendendo a viver junto e aprendendo a ser, e assim, agradeço a Paulo Freire por deixar em mim e em todos a capacidade de poder sonhar, através de seu legado.

Ministério
da Cultura

sau

por si mesmos", com esta fala, começou as atividades do nosso círculo. Lembro-me que ao distribuir sílabas soltas, e pedir para formarmos palavras com elas, a primeira que fiz foi a palavra "ar-roz". Em seguida, Paulo nos colocou a pensar a respeito das questões nas quais o "arroz" estava envolvido: geográfica, histórica, política, nutricional. Nunca antes imaginei que "aprender" poderia ser substituído por "reconhecer". Desde que o IDAC chegou, esta tornou-se a minha realidade!

Tudo está caminhando muito bem, como você pode perceber. Espero que também esteja aí em Angola. Espero notícias suas em breve.

Abraços do seu irmão, Antônio

República de Guiné-Bissau, 5 de janeiro de 1976

Rosa,

40 dias posso considerar-me alfabetizado! Hoje terminou o nosso "círculo de cultura". Para finalizar, Paulo Freire nos mostrou uma canção de Tom Paxton, utilizada em protestos nos Estados Unidos no ano de 1963. Ela diz o seguinte:

- O que você aprendeu hoje na escola, meu filho?
- Aprendi que Washington nunca mentiu
- Aprendi que os soldados raramente morrem
- E que somos todos livres.
- Aprendi que os policiais são meus amigos
- E que a justiça não tem fim,
- Que os assassinos pagam por seus crimes
- Embora haja alguns enganos, as vezes.
- Aprendi que o nosso governo deve ser forte
- E que está sempre certo, nunca erra,
- Que nossos líderes são os maiores
- E que nós os elegemos sempre de novo.
- Aprendi que a guerra não é tão ruim assim
- E que já participamos de algumas
- E lutamos na Alemanha e na França
- E que um dia eu também terei a minha chance
- Foi isso que a professora disse,
- Foi isso que eu aprendi na escola.

Inicialmente, fiquei chocado ao ler tudo isso. A canção tratava de problemas que persistem, ainda hoje - a dita superioridade do homem branco, a incapacidade de pensar por si mesmo, a pregação de valores referentes à época em que se desejava a dominação de certos povos, para a exploração. Os países mais desenvolvidos continuam com medo do "contágio" da liberdade, as classes superiores não querem perder seu posto de destaque, não querem juntar-se aos menos abastados para construir um mundo mais humanitário. Mas a revolução está começando - cada um de nós, agora alfabetizados, poderemos continuar os círculos por onde passarmos. E se depender destes olhos brilhantes à minha volta, deslumbrados pela percepção mais ativa do mundo, muitos darão continuidade ao projeto.

Também fiquei feliz ao receber sua carta. Sei que aí em Angola você passa pelos mesmo problemas. Conversamos com o grupo sobre esta alienação generalizada comandada pelas elites, em níveis mundiais. Mas estamos todos muito esperançosos: acreditamos que, se mais projetos como este forem colocados em prática nos próximos anos, no mundo inteiro, caminharemos para uma humanidade mais consciente, capaz de julgar o que os rodeia e a se rebelar contra qualquer forma de controle ou intenção de destruição do meio em que vivemos. Logo, o IDAC vai passar por aí, também. Eu já estou encaminhando para criar o primeiro "círculo de cultura" em Angola. Nos encontraremos em breve, Rosa. E, após isso, também poderei reconhecer sua grafia, de verdade; despertar a tua consciência, por inteiro.

Antônio



Cartas de Guiné-Bissau

"Não quero mais saber do lirismo que não é libertação". - Manuel Bandeira

República Guiné-Bissau, 6 de dezembro de 1975



YASODHARA PASSOS L. E SOARES
COLÉGIO SANTO ANTONIO,
BELO HORIZONTE- MG

CATEGORIA
ENSINO MÉDIO

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSORA
NÃO HOUVE

Rosa,

Pela primeira vez, você pode ver como é a minha letra, de verdade. Eu que, até algum tempo atrás, nem sabia, ao certo, se tinha direito à uma letra minha, escrevo, neste momento, com convicção de estar consciente da grandiosidade deste ato, o que me dá desenvoltura diante o papel.

Você sabe que a nossa terra nunca foi alheia à opressão que sofremos por tantos séculos. Aqui já nascemos na luta. Acredito, porém, que muito mudará a partir de agora: que eu e muitos outros poderemos escrever sobre nossas aflições, protestos, entraves sociais de qualquer origem; e estamos certos da liberdade de poder levar nossa informação para outros meios, ao fazê-lo.

Escreverei logo mais, contando como tudo começou. Agora, tenho que ir com o grupo.

Antônio

República de Guiné-Bissau, 10 de dezembro de 1975

Rosa,

Hoje me dedicarei à explicar este projeto, no qual estou envolvido.

Um grupo de Brasileiros, do Instituto de Ação Cultural (IDAC), veio até nós ampliar uma iniciativa que já havia recebido bons frutos no Brasil e em muitos países da América Latina: a alfabetização de adultos. Você está pensando que eles só querem ficar famosos pelo mundo ao fazer isso, não é Rosa? Mas você se engana. Paulo Freire, o mentor do projeto, não se permitiria estar envolvido por pura superficialidade. Pelo pouco que o conheço, já percebi que ele não precisa de reconhecimento. Ele se satisfaz, simplesmente, ao ver o que pode fazer por aqueles que estão ao seu redor: instigá-los a consciência plena, através da leitura, escrita e visão crítica da política.

E outra coisa muito importante: ele não se permite ser chamado de professor. Nos diz que esta palavra, ao longo dos séculos, adquiriu uma conotação dominadora, como se o professor fosse o detentor do conhecimento e também um comerciante deste; o aluno, apenas uma tigela vazia aonde seriam jogados os blocos de informações, como disse um escritor chamado Sartre. Como ele já nos mostrou, a educação é o processo inverso. O educador-educando e o educando-educador devem fundir seus papéis: o conhecimento está por toda parte, diz. E nos mostra como chegar até este, que é através da leitura e análise, mas nunca aonde vamos chegar.

Paulo Freire começou estes "círculos de cultura", como são chamados, ainda em sua terra, a muitos anos. Porém, logo que eles começaram a obter alcance nacional, os militares tomaram o poder e qualquer "ameaça comunista" foi banida. A idéia de Paulo, a de uma "educação democratizadora", era uma dessas ameaças. Ele foi exilado e suas idéias colocadas nas malas que o acompanhavam. "O regime ditatorial não permite brechas ao livre-pensamento, ou a sociedade compreenderia que seus direitos são continuamente violados com um governo deste cunho em vigor" - disse. E eu também vejo desta forma. Tenho como espelho o analfabetismo ao qual fomos condicionados pelos colonizadores. Nosso espírito libertário foi abalado, em parte, pela falta de recursos à sua contestação. A partir de agora, as coisas poderão melhorar - e muito.

Os "círculos de cultura" foram formados com o intuito de desmecanizar o aprendizado. Não mandam-nos repetir "ba-be-bi-bo-bu" uma centena de vezes, na crença que tornam-nos aculturados desta forma. Paulo nos faz refletir sobre o ato de aprender, sobre a razão de sua existência e, conscientes dele em sua totalidade, extingui-mos qualquer desvinculação de aprendizado e prática real. "Quando vocês aprenderam a desenhar, sabiam que aquela era uma forma de expressão, comunicação, e, ao longo da vida, a aprimoravam para tornarem-se cada vez melhor compreendidos. Assim será a escrita, que não pode separar-se de seu objetivo fundamental, que é retirar de vocês os vestígios coloniais, ainda tão aparentes em Guiné-Bissau. Logo, vocês serão capazes de pensar, completamente,



Um Fertilizado



ENRIQUE CARLOS NATALINO
UNIVERSIDADE DE
SÃO PAULO- USP, BELA VISTA-SP

CATEGORIA
UNIVERSITÁRIO

CLASSIFICAÇÃO
1º LUGAR

PROFESSOR
NÃO HOUVE

**"O senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz
e então me ajuda"**

João Guimarães Rosa,
Grandes Sertões Veredas

O escritor espanhol Carlos Pellicier ofereceu um fragmento épico que se aplica perfeitamente a um dos maiores educadores do século XX: "Aquele que deu liberdade ao fogo para incendiar, para destruir a sombra construída com mentiras. O Capitão das cores com voz e voto, aquele que, no meio da noite, fez estalar o sol". Misto de educador, filósofo, cientista, escritor, político e poeta, Paulo Reglus Neves Freire foi um homem verdadeiramente apaixonado pela vida. Poeta não é aquele cujo gosto pela palavra sobressai saboroso no saber profundo que elas trazem? E que sabe unir na escritura o pensamento à sensibilidade, a palavra à ação? Diferentemente do cientista neutro, programado para chegar ao primeiro porto seguro que aparece, mestre Freire atravessou aparências, desnudou as máscaras cotidianas na busca do humano movediço e das coisas simples e complicadas desta vida: o amor, a liberdade e a esperança.

Sonhou ser possível construir-se uma utopia democrática e humanista neste país de injustiças monstruosas. Sua obra é encantada e escrita sem medo da liberdade. Pedagogia do Oprimido, livro clássico, colocou seu trabalho como a grande revolução pedagógica da segunda metade deste século. Comparável e, quanto a certos temas, superior às contribuições de outro grande filósofo educacional da primeira metade deste século, John Dewey. Paulo Freire formulou uma crítica devastadora aos fundamentos da pedagogia tradicional, apresentando uma tematização de bases antropológicas para a educação e reinterpretando as relações entre filosofia, educação e política, de maneira coerente aos pensamentos de Antonio Gramsci sobre a construção de um novo senso comum e de Habermas, da Escola de Frankfurt, com seu intento de confrontar os mundos da vida cotidiana e permitir a comunicação emancipadora entre os seres humanos.

Tudo isso era novo num Brasil que ainda reproduzia, impiedosa e secularmente, a interdição dos corpos e mentes dos desvalorizados socialmente. Plantada na terra árida em que se implantou uma modernização social autoritária e tirânica, a obra de Paulo Freire tinha sabor de fruto proibido. Cada leitura renovava o sabor da fruta apanhada na hora, comida à sombra da árvore. Era aprendizagem do prazer, contrária aos métodos tradicionais, como a catequese dos jesuítas, dos séculos XVI e XVII e a escola moderna pombalina, do século XVIII. Raymundo Faoro, em Os Donos do Poder, mostrou que as reformas pombalinas se implantaram como um modelo de modernização pelo alto, visando produzir uma elite colonial iluminada no Brasil, fiel ao rei e capaz de produzir riquezas. O modelo prosperou no Império e, por incrível que pareça, na República, que agasalhou a idéia e gerou dois de seus filhotes: 1930 e 1964. Os escritores de Paulo Freire nasceram no intervalo que separa estes dois rebentos pombalinos do século XX. Seu primeiro estudo científico surgiu em plenos anos dourados do governo Juscelino Kubitschek, que alguns autores denominam "a grande renascença brasileira". No II Congresso Nacional de Educação de Adultos de 1958, no Rio de Janeiro, o professor Freire firmou os alicerces de seu pensamento progressista, rompendo com a modernização conservadora de inspiração pombalina. Propunha que a educação de adultos teria de se fundamentar na consciência da realidade vivida pelos alfabetizandos, para jamais se reduzir num simples conhecer de letras, palavras e frases.

A partir do conjunto das circunstâncias políticas e sociais vigentes nesse interregno democrático, Paulo Freire imaginou um método alternativo, que, do ponto de vista prático, tornava possível a realização de

r do Inusitado

um trabalho educativo rápido, de baixo custo, aproveitando os elementos do meio-ambiente dos educandos e, por tudo isso, imediatamente aplicável a um número elevado de pessoas. Oferecia a grande vantagem de proporcionar, concomitantemente, alfabetização, educação e conscientização política, promovendo a inserção social dos educandos e libertando-os como pessoas. Essa conjugação de elementos é, em síntese, o chamado "Método Paulo Freire". Através dele, educadores do mundo inteiro perceberam que uma pedagogia pode e deve ser muito mais do que um processo de treinamento e domesticação. Teve, entre outros, o efeito benéfico de demonstrar a pobreza e os graves inconvenientes de linhas pedagógicas que só procuram transmitir técnicas e exterioridades, sem atentar ao essencial, que é o verdadeiro desenvolvimento da pessoa humana, pelo estímulo ao despertar e à evolução de todas as potencialidades.

Continha ainda a percepção clara da cotidianidade discriminatória da sociedade brasileira, predominantemente patriarcal e elitista. Apontava soluções de superação das condições vigentes dentro de uma concepção de educação como ato político. Conseguiu aplicar seus conhecimentos nos lugares mais diversos do território nacional, como Pernambuco, Rio Grande do Norte e Brasília. Na nova capital republicana recém construída, Paulo Freire criou os pioneiros círculos de cultura das cidades-satélites, onde milhares de candangos analfabetos, heróis anônimos da grande epopéia desenvolvimentista, puderam aprender a ler, escrever, pensar e interpretar. O "operário em construção" podia fazer desenhos mágicos com a palavra "tijolo". Escrever a sua palavra e ler o mundo.

A passagem dos anos 50 para os 60 é o momento em que brota o segundo modernismo brasileiro. Modernismo fabricado na sociedade, pelos movimentos estudantil, social e cultural, pela elite progressista e pelos educadores, cujas aspirações nacionais e populares se consubstanciam na Bossa Nova, no Cinema Novo, no Teatro de Arena, na poesia concreta, na arquitetura modernista, no teatro de protesto, na Nova Música Popular Brasileira, na Ação Cultural para a liberdade, na Pedagogia do oprimido e na Educação como prática da liberdade. Nos últimos meses da presidência de João Goulart, a partir de 1963-64, o professor Paulo Freire coordenou o Programa Nacional de Alfabetização, ponto alto de seu apostolado educacional. Visava com ele destruir o analfabetismo programado no Brasil, fazendo parte de um grande conjunto de políticas de Estado que ficaram conhecidas como as Reformas de Base. Tal projeto objetivava, em primeiro lugar, alfabetizar, politizando, cinco milhões de adultos até 1965. Estes poderiam, pela Carta Magna vigente, fazer parte, em futuro próximo, do ainda restrito colégio eleitoral brasileiro, de pouco mais de 11 milhões de eleitores. Em decorrência dessa meta, parte da dominação política e social, visível, sobretudo, nas regiões norte e nordeste do país, perderia a força progressivamente.

O bloqueio da educação, segundo o então secretário Paulo Freire, impedia a democratização da sociedade, a implantação da justiça social e o respeito pela dignidade da pessoa humana. Isso foi notado e claramente ressaltado por uma notável educadora brasileira do século XIX: Nísia Floresta. Nascida no Rio Grande do Norte, ela sentiu os efeitos da discriminação política e social e teve os olhos para ver a sonegação da educação como uma das principais causas, denunciando-a com veemência num pequeno e precioso livro, publicado em 1853 com o título sugestivo de Opúsculo humanitário. Eis as palavras da lúcida e corajosa educadora: "Quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder". Um século depois, coube também a um nordestino ter sensibilidade e visão para perceber e denunciar a presença de um forte aparato de dominação, apoiado em grande parte na imposição de férrea limitação à educação de camadas mais pobres, que constituem a grande maioria da população da região. Mas Paulo Freire foi mais longe, tendo a percep-



Instituto Paulo Freire



PETROBRAS

Fundação
Assis Chateaubriand

ção de que o analfabetismo, sendo em si mesmo um fato de marginalização e dependência, era usado eficazmente como instrumento de contenção do aperfeiçoamento intelectual e uma barreira ao desenvolvimento da consciência política.

O golpe de força desfechado em 1964 derrubou o governo João Goulart, destruiu a democracia e mergulhou o Brasil em ditadura militar, que perseguiu, cassou, baniu e massacraram milhares de cidadãos. Paulo Freire teve que abandonar seus sonhos e partir para exílio forçado pelo mundo. Viveu mais de quinze anos no exterior. As qualidades do seu método que levaram os oligarcas do nordeste brasileiro a considerá-lo subversivo foram exatamente as mesmas que deram motivo ao seu reconhecimento e à sua acolhida por educadores humanistas e democratas de todo o mundo, inclusive pela UNESCO. Dentro de sua lógica egoísta e autoritária os oligarcas estavam certos, pois através desse método é possível transformar em pouco tempo uma sociedade desequilibrada e injusta: indivíduos dominados e explorados passivos transformam-se em pessoas e cidadãos ativos e assim se dissolve a possibilidade de dominação.

O tempo em que a obra de Freire nasceu passou, mas as aspirações que ela exprimiu sobrevivem nas camadas mais recônditas da memória individual e social. Sobreviveu à ditadura militar, ao desmonte do projeto nacional de desenvolvimento, às reformas educacionais economicistas dos anos 90 e às seguidas contingências dos orçamentos públicos de educação e cultura. Para nossa fortuna, amadurece a cada dia com a esperança diuturna que nutrimos à democracia. Segue inquebrantável junto ao imaginário do nosso povo oprimido, apartado, excluído e deserdado, mas que é gente, tem cara, tem sentimentos, tem o que dizer com suas próprias palavras e tem nome.

Infelizmente, o Brasil vivencia uma das piores páginas de sua história recente. A crise é de ética e está estampada na imprensa. Desdobra-se no colapso dos valores democráti-

Desoprimindo os Oprimidos educação como instrumento exercício pleno da cidadania de transformação cultural



CLÊNIO SIERRA DE ALCÂNTARA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO, ITAMARACÁ-PE

CATEGORIA
UNIVERSITÁRIO

CLASSIFICAÇÃO
2º LUGAR

PROFESSOR
ANTÔNIO ALVES

"Nada emancipa como a educação".
Voltaire

"A medida da Democracia é o nível educacional do povo".
Edgar Mattos

À
Maria da Conceição, minha avó; brasileira,
75 anos e analfabeta.

É de fato inevitável que, em todas as vezes que precisamos
citar a natureza de alguma chaga social que assola e
mos olhar para o seu passado colonial, a fim de tentarmos
nele o verdadeiro cerne da questão. Assim sendo, é
mos, recorrendo ao legado humanista do educador
esse certame ora promovido pela Fundação Assis Chateaubriand
confere uma boa oportunidade para tanto -, os por

Ministério
da Cultura

cos, no reducionismo econômico, no apartamento dos direitos humanos, na miopia social e na corrupção política. Celso Furtado já nos dizia que, em nenhum outro momento da nossa história, foi tão grande o abismo entre o que somos e o que esperávamos ser. Mestre Paulo Freire é uma brisa refrescante em meio a este mar de tormenta e vento esquivo. Evocar sua paixão pela vida é descobrir torvelinhos de protesto justo e valoroso em favor da esquecida dignidade de toda pessoa humana. Trazê-lo aos nossos dias é fortalecer a tenaz e serena vigília pela liberdade dos oprimidos. É reafirmar a convicção profunda de que todos devemos colaborar com a grande e extraordinária aventura de acesso ao conhecimento, do despertar do emblemático potencial criativo que habita cada indivíduo. É também, alçar o vôo da imaginação e do sonho, frente ao mesquinho procedimento daqueles que ficam contabilizando seus compatriotas em pesquisas e eleições, sem procurar torná-los cidadãos plenos na vida pública. É sair da resignação e abrir de par em par as janelas da criatividade, do esforço e da esperança.

O menino comum que nasceu em Pernambuco, aprendeu a ler debaixo de uma árvore, viveu a alegria de aprender futebol em campinhos de terra, nadou nas águas límpidas do rio Jaboatão, viu lavadeiras cantadeiras esfregando e batendo roupas nas pedras, brincou, aprendeu a assobiar, cantar, namorar e estudar viveu sua meninice até o fim, aproveitou e sorveu o melhor da vida, que foi de permanente aprendizagem, dificuldades, e alegrias vividas intensamente, que lhe ensinaram a harmonizar o equilíbrio entre o ter e o não-ter, o ser e o não-ser, o poder e o não-poder, o querer e o não-querer. "Podem porque crêem que podem", proclamou Virgílio. O menino Paulo Freire fez-se homem e forjou-se na disciplina da esperança, com um traço de vida imperecível de clamor em benefício da espécie humana, tão desprotegida, criando alternativas à barbárie e à miséria. Um teimoso e imprescindível fertilizador do inusitado.

os: Paulo Freire e a to legitimador pra o ia e como fator essencial e social

apesar de tudo, não ter ainda alçado a educação à categoria de prioridade dentre as prioridades.

O homem. Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, na estrada do encantamento, no recifense bairro de Casa Amarela. Desde muito jovem demonstrou interesse pelos graves problemas sociais presentes no Recife, uma cidade tão cheia de contrastes, onde ele pôde enxergar a proliferação de moradias miseráveis ao longo dos mangues e a luta diária dos tantos desassistidos pelo Governo que vinham do interior de Pernambuco e de outros estados nordestinos, sem formação educacional alguma, mas ainda assim, sonhando em "fazer a vida" naquela que era tida como a Metrópole do Nordeste e terceira mais importante cidade do país. Aos vinte anos Freire se tornou professor de curso ginásial, lecionando Português no Colégio Oswaldo Cruz. Três anos depois se casou pela primeira vez - teve cinco filhos em dois casamentos. Licenciou-se em Direito em 1959, pela então Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco-UFPE), mas logo "abandonou" a profissão de advogado depois da primeira causa: um assunto de dívida.



Não se pode dizer que ele realmente abandonou aquela profissão porque, com muito empenho e tenacidade, passou a advogar em favor dos desvalidos, dos excluídos, dos milhões de analfabetos que proliferavam pelo país, acreditando firmemente na sua concepção de magistério que diz que se "a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". Trabalhou como diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), ainda em Pernambuco, e, depois, na Superintendência, de 1946 a 1954, locais onde fez as experiências que mais tarde o conduziram ao método que iniciou em 1961, quando participava do Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP), do qual foi um dos fundadores, época essa em que dirigia, com a colaboração valiosa de sua equipe, o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Assumindo uma posição de contestação ao tipo de ensino oferecido pela maioria das escolas brasileiras, que ele designou como "educação bancária", Paulo Freire passou a ser visto como um elemento de alta periculosidade para a sociedade pela nova ordem que tomou de assalto o país em 1964; o Golpe Militar o surpreendeu em Brasília, onde coordenava o Plano Nacional de Alfabetização do governo do presidente João Goulart, depois do êxito que teve em 1963, em Angicos (RN), onde orientou um programa que alfabetizou 300 pessoas em 45 dias; ele teve de deixar o país, o Chile recebeu uma distinção da UNESCO por ter sido um dos cinco do mundo que melhor contribuíram para superar o problema social grave do analfabetismo; lá, programas de alfabetização foram desenvolvidos a partir das idéias e do sistema que ele aplicara no Brasil. Antes que também no Chile ocorresse o golpe de Estado que levaria ao poder o ditador Augusto Pinochet, Freire foi para os Estados Unidos e, em seguida, para a Europa; em Genebra, na Suíça, criou, com outros companheiros de exílio, O Instituto de Ação Cultural (IDAC). Com a decretação da anistia política, em 1979, ele retornou ao Brasil, integrando-se à vida universitária. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT); e foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo entre 1989 e 1992, na administração de Luiza Erundina. Autor de mais de 40 livros, traduzidos em 28 idiomas; cidadão honorário de vários países; Doutor honoris causa em 28 universidades; homenageado com uma estátua em Estocolmo, na Suécia; nome de rua em Itabuna, no sul da Bahia, de um teatro em Paulista, na Região Metropolitana do Recife, e de diversas escolas por este país a fora Paulo Freire morreu de enfarte em 1997, gozando da reputação de ser o "educador brasileiro mais conhecido, respeitado e festejado em todo o mundo", figurando entre nomes como Maria Montessori, John Dewey, Célestin Freinet, Lev Vygotsky e outros.

A sociedade na sua obra e a sua obra na sociedade. Quando escreveu "Educação como Prática da Liberdade", Freire, antes de explicar muito detalhadamente a elaboração e os meios de execução do seu "método" alfabetizador, "procurou analisar a sociedade brasileira como uma "sociedade em trânsito" na qual figuravam contradições em meio aos "choques entre algo que se esvaziava e pretendia preservar-se e algo que emergia e buscava plenificar-se" naqueles anos 60: uma idéia de esclarecimento do povo. Dizia ele que "a nossa inexperiência democrática" se deve à nossa colonização que foi "sobretudo uma empreitada comercial" da qual resultaram relações sempre antidemocráticas, situação essa que poderia ser superada a partir de "uma ampla ação educativa criticizadora". No seu entendimento, o Golpe Militar de 1964 se deu num momento de início de ruptura da tutela do estado em relação ao contingente de analfabetos da população brasileira que começara a ser alfabetizada maciçamente com a atuação dos Círculos de Cultura que ele formara. Historicamente o "povo" foi quase sempre aliado do processo de construção do aparelhamento político deste país; e isso porque não eram dados ao "povo" meios efetivos de instruir-se, de alfabetizar-se. Num estudo que se tornou um clássico dentre as tentativas de se explicar por que o Brasil é o que é hoje, Sérgio Buarque de Holanda comparou a ordem colonizadora espanhola e portuguesa na América, mostrando como os espanhóis tiveram cuidado em oferecer subsídios para a instrução da população, enquanto que os portugueses a limitaram na medida do possível. A constatação dessa realidade foi assim descrita por um estudioso do século atual: "[...] nosso retardo educativo vem menos do que fizemos mal nas últimas décadas e mais do não feito nos quatro séculos precedentes [...] Justamente por estarmos tão atrasados, temos de recuperar o tempo perdido". O advento da República no Brasil, em 1989, embora não tenha significado o fim de um sistema político elitista, não deixou de ocasionar uma relativa abertura de canais propiciadores de maior participação popular nos processos políticos do país; foi abolido o Poder Moderador, uma excrescência da Constituição de 1824, caiu o voto censitário, foram extintos os títulos de nobreza, enfraqueceu-se a centralização: "De uma certa forma, estruturou-se um quadro que permitia, pelo menos em tese, uma participação popular na vida política do país". No final do século XIX, em 1900, apenas 14 ou 15 em 100 brasileiros ou habitantes do Brasil sabiam ler. O Rio de Janeiro,

então Distrito Federal, apresentava no início do século XX, o nível de alfabetização mais alto do país, em torno de 50% da população total, mas nem todos em condições de votar, tendo em vista que afora aquelas restrições estabelecidas pela Carta Magna de 1891, a idade mínima exigida para tanto era de 21 anos. Em 1910, nos diz José Murilo de Carvalho, que havia no Distrito Federal 252.146 eleitores, isto é, 2,7% da população calculada para aquele ano. Em 1920, 75% da população brasileira era analfabeta, e esse analfabetismo generalizado suscitou em boa parcela da intelectualidade um movimento no sentido de promover, através da alfabetização, a "republicanização da República". O clima ideológico dos anos 50 propiciou a disseminação de idéias de cunho socialista na sociedade brasileira e, segundo Paulo Ghiraldelli Jr, em obra que citamos, diversas tendências do socialismo foram sendo incorporadas por vários segmentos da população, "inclusive por educadores e, paulatinamente, foram trazendo para o âmbito pedagógico formas de pensar menos presas aos cânones da ideologia dominante". Em 1955, num artigo publicado pela Revista Esso, Pedro Calmon conclamou aos brasileiros para que se empenhassem numa cruzada, um movimento de substância e coragem para pôr fim a uma "porcentagem embaraçosa de analfabetos" que ainda tomava o país naquela década. O aguerrido pernambucano Paulo Freire estava impregnado desse propósito; suas andanças de juventude pelas favelas do Recife e de Olinda, onde a condição de marginalização social era algo tão pungente, devem ter despertado nele uma força sobre-humana para, como educador, alfabetizar o maior número de pessoas que fosse possível, a fim de que elas procurassem se libertar de condições de vida degradantes como as que ele vira naqueles lugares. Freire não acreditava em educação neutra; para ele, o processo educativo é um ato político, uma ação que resulta em relação de domínio ou de liberdade entre as pessoas; por isso é que se afirma que "reinventar a educação" é uma expressão que lhe foi muito cara.

No meio da efervescência ideológica dos primeiros anos da década de 60, cresceram no Brasil organizações que trabalharam com a promoção da cultura popular, como educação popular, com a desanalfabetização e com a conscientização da população sobre a realidade dos problemas nacionais. Mas, as promissoras expectativas caíram por terra, porque pairou sobre a nação um nevoeiro densamente nefasto que cobriu os horizontes libertários no dia 31 de março de 1964, e o país acordou no dia 1º de abril sob mais uma ditadura - e não era mentira não.

Coligindo experiências vivenciadas no exílio, Paulo Freire lançou, em 1968, no Chile, o livro *Pedagogia do Oprimido*. Nesta obra reiterou de maneira sistemática a essência do seu pensamento pedagógico: o desenvolvimento de uma educação crítica, de uma educação libertadora, de uma educação dialógica. Com a repressão aos movimentos de educação popular no Brasil coube ao próprio governo militar a iniciativa de desenvolver experiências de alfabetização; uma delas foi o Movimento Brasileiro de alfabetização (MOBRAL) que começou a funcionar em 1970 e cujo trabalho, em boa medida, de acordo com Carlos Rodrigues Brandão, "foi o próprio inverso dos sonhos e métodos de Paulo Freire", educador que empunhava a bandeira de que o ensinar "exige a convicção de que a mudança é possível".

A ferida ainda aberta. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1963 o Brasil possuía 60 milhões de pessoas entre analfabetos e semiletrados. Era ainda um quadro desolador. Poucos anos antes de ser promulgada aquela que seria chamada de a "Constituição Cidadã", intelectuais de diferentes tendências ideológicas apontaram a permanência dessa chaga social como um mal a ser combatido pela tal Carta magna de 1988.

Passados vinte e um anos da divulgação daquela estatística feita pelo IBGE, eis que nos deparamos com dados igualmente absurdo: o Brasil ainda abriga cidades onde o índice de analfabetismo é o mesmo da média nacional verificada em 1900. O que é isso, companheiros? Por que a escola pública não é levada a sério neste país? Por que se anuncia um investimento para a educação e depois se resolve cortá-lo? Por que as escolas públicas são tão mal aparelhadas? Por que o ensino público é tão desacreditado e desprovido daquilo que resolvemos chamar aqui de "sedução do saber"? Por que a profissão de professor é tão desprezada no Brasil? Por que se insiste em querer "salvar" o país investindo no ensino superior, sem que seja reforçada a base? Por quê? Por quê?

É por essas e outras que tem gente que diz que basta se dispor de um diploma do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para poder governar este país. Leiamos com bastante atenção o alerta que nos foi deixado pelo mestre Paulo Freire: "Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços". E não desanimemos. E não desanimemos...

Ministério
da Cultura

ada educação

lo Freire", uma técnica extremamente revolucionária, que jogava por terra todas as ultrapassadas formas de alfabetização de adultos até então existentes, levando o alfabetizando a ler não só palavras, mas também a sua própria realidade. Assim sendo, selava um forte compromisso entre a educação e a conscientização política do educando, levando-o ao conhecimento das causas e das conseqüências das mazelas de sua vida. O primeiro contato do pernambucano com a penosa realidade educacional das populações carentes se deu ainda na sua cidade natal, quando trabalhou no Setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), entre 1947 e 1957, onde foi responsável pelas escolas primárias para os filhos dos operários. Logo, Freire concluiu que esse era um dos grandes problemas que impediam o desenvolvimento econômico, social e político do Brasil, perpetuando uma herança de desigualdades e de injustiças sociais. Os anos em que o educador se engajou no SESI foram fundamentais para a elaboração e a experimentação de suas teorias na área educacional. Através de erros e de acertos, Paulo Freire pôde retirar o processo educacional do campo abstrato da teoria para a realidade concreta da prática transformando a educação em ação e o pensamento em experimento.

Em meados dos anos 60, organizou (juntamente com outras personalidades da intelectualidade pernambucana) um projeto denominado "Movimento de Cultura Popular", dentro do qual comandou uma atividade denominada "Círculos de Cultura", onde grupos populares discutiam temas por eles mesmos propostos (através da mediação de um orientador), na tentativa de alcançar uma compreensão crítica das temáticas discutidas. Essa atividade foi fundamental para a sistematização do "Método Paulo Freire" e, então, no ano de 1963, o pernambucano promoveu um dos mais marcantes feitos da história, no contexto da alfabetização de adultos a experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte. Nela, um expressivo número de adultos analfabetos foi alfabetizado num curtíssimo período de tempo, demonstrando a eficácia e o sucesso desse método desenvolvido pelo pedagogo. Como conseqüência, Freire ganhou fama nacional e, desse modo, foi convidado pelo Ministério da Educação para liderar um projeto que visava alfabetizar, politizando, significativa parte da grande massa de adultos analfabetos do Brasil, intitulado "Programa Nacional de Alfabetização", durante o governo de João Goulart.

A revolucionária" proposta pedagógica do educador (vista como subversiva" pelos setores conservadores da sociedade brasileira) fez do exílio a sua única opção, após a desenfreada perseguição que sofreu por parte do governo (sendo inclusive preso), na ocasião do golpe militar, em 1964. Assim sendo, viveu fora do Brasil durante dezesseis anos, passando por países como Bolívia, Chile, EUA (onde lecionou na Universidade de Harvard) e Suíça (onde foi consultor do Conselho Mundial de Igrejas, trabalhando na área de educação). Nesse período, ao contrário do que esperavam seus perseguidores, a filosofia educacional do pernambucano amadureceu e, assim, sua luta por justiça social alcançou o cenário global, através da verdadeira "peregrinação" que o educador fez pelo mundo, a serviço do Conselho Mundial de Igrejas. Nessa empreitada, merece destaque a atuação de Freire na África de língua portuguesa, onde ajudou na implementação dos sistemas educacionais nos países que então se libertavam das "garras" do colonialismo opressor. Em 1980, após a anistia no ano anterior, Paulo mudou-se definitivamente para o Brasil (onde permaneceu até sua morte, em 1997), com o coração aberto e uma enorme vontade de "reaprender seu país". Em São Paulo, voltou a ser professor, dessa vez lecionando na Pontifícia Universidade Católica e na Universidade Estadual de Campinas, onde foi recebido calorosamente pelo meio acadêmico, já com o status de filósofo universal que a intelectualidade lhe concede atualmente. Durante o exílio (e depois dele), Paulo Freire recebeu inúmeros prêmios e homenagens ao redor de todo o planeta, muitas vezes de organismos como a UNESCO, que demonstram toda relevância de sua filosofia para a consolidação da teoria educacional do século XX. Entre os anos de



Uma revolução char



PEDRO CARVALHAES VIEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS,
BELO HORIZONTE- MG

CATEGORIA
UNIVERSITÁRIA

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSOR
NÃO HOUVE

"Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam."

José ficou comovido com as palavras que leu na dedicatória do livro "Pedagogia do Oprimido", a mais aclamada obra do pedagogo pernambucano Paulo Freire. Se estivesse ali há um ano atrás, com aquele mesmo livro nas mãos, certamente não entenderia uma só palavra daquela frase. Doze meses antes, José - um agricultor de 68 anos - trabalhava incansavelmente na lavoura de sua pequena propriedade, perdida na imensidão do interior do Brasil. Enquanto lia o início do livro, refletia sobre a importância que esse último ano teve em sua vida, um ano no qual, conforme ele mesmo havia dito, "aprendeu mais do que nas últimas décadas." Até então, José era analfabeto, como tantos outros de seu país, uma vez que, desde cedo, teve que ajudar no sustento da família, o que o impossibilitou de ingressar em um educandário. Seu pai, que também nunca havia pisado em uma sala de aula, sempre lhe dizia que "escola não era lugar para filho pobre", uma vez que "somente filho de gente rica poderia estudar." Desde cedo então aquelas palavras permaneceram na mente de José, "plantando-o no chão de terra da lavoura, negando-lhe qualquer possibilidade de estudar e, desse modo, perpetuando a miséria da sua descendência. Para ele, as mãos que se acostumaram com a enxada achavam o lápis pesado demais."

Entretanto no último ano, José havia tomado uma decisão: não iria morrer sem aprender a ler e a assinar o seu próprio nome. Por trás daquele desejo aparentemente simples, escondia-se um outro que até mesmo o próprio agricultor não percebia claramente: o desejo de fortalecer sua identidade como ser humano e como cidadão, identidade essa que, durante suas décadas de vida, quase sempre lhe havia sido negada. Assim sendo, inscreveu-se em um programa de alfabetização de adultos que havia sido implantado em um vilarejo próximo ao seu sítio. Desde o primeiro dia de aula, um nome passou a intrigar o agricultor, uma vez que era freqüentemente citado pela jovem alfabetizadora que coordenava o projeto: Paulo Reglus Neves Freire. Certo dia, não conseguiu conter mais a dúvida e, assim, questionou a educadora: "Professora, quem é mesmo esse tal de Paulo Freire?" Da jovem docente, José recebeu uma longa resposta, cheia de entusiasmo e de admiração. Descobriu que Paulo Freire foi o idealizador do método de alfabetização que era aplicado no programa do qual participava, denominado "Método Paulo Freire". De fato, a forma como alfabetização se dava no projeto espantou José, uma vez que "quebrava" todas as impressões prévias que ele tinha de uma sala de aula. Ao iniciar a sua educação, o agricultor acreditava que iria se deparar com um ambiente onde alguém (dotado de conhecimento) falaria para outros como ele, "desprovidos de qualquer saber". Porém, já no primeiro dia de aula, estranhou a disposição circular das carteiras, bem como a proposta da alfabetizadora que lá estava. A jovem afirmava que não iria simplesmente ensiná-los a ler e a escrever, mas ao contrário, que eles aprenderiam juntos, através de sua coordenação.

Com o tempo, as aulas foram se mostrando mais interessantes do que José jamais poderia imaginar, uma vez que a alfabetização não se dava pelo uso de palavras e frases estranhas ao seu universo e à sua experiência de vida. Todas as palavras tinham alguma ligação com a sua vivência de agricultor (como por exemplo, as palavras semente, gado e terra) e, após o ensino dessas palavras (denominadas "palavras geradoras", uma vez que davam origens à outras, pela combinação de seus elementos básicos), eram promovidas longas discussões a respeito do real significado delas, dentro de um contexto político, levando José à conclusões que ele jamais havia chegado antes.

Sem dúvida alguma, a promoção de experiências como a de José é o mais marcante traço da linha pedagógica do educador pernambucano Paulo Freire. Nascido em Recife, no ano de 1921, Freire se destacou como uma das maiores autoridades mundiais no campo da educação e da alfabetização de adultos, através do desenvolvimento do "Método Pau-



Ministério
da Cultura



nada educação

lo Freire", uma técnica extremamente revolucionária, que jogava por terra todas as ultrapassadas formas de alfabetização de adultos até então existentes, levando o alfabetizando a ler não só palavras, mas também a sua própria realidade. Assim sendo, selava um forte compromisso entre a educação e a conscientização política do educando, levando-o ao conhecimento das causas e das conseqüências das mazelas de sua vida. O primeiro contato do pernambucano com a penosa realidade educacional das populações carentes se deu ainda na sua cidade natal, quando trabalhou no Setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), entre 1947 e 1957, onde foi responsável pelas escolas primárias para os filhos dos operários. Logo, Freire concluiu que esse era um dos grandes problemas que impediam o desenvolvimento econômico, social e político do Brasil, perpetuando uma herança de desigualdades e de injustiças sociais. Os anos em que o educador se engajou no SESI foram fundamentais para a elaboração e a experimentação de suas teorias na área educacional. Através de erros e de acertos, Paulo Freire pôde retirar o processo educacional do campo abstrato da teoria para a realidade concreta da prática transformando a educação em ação e o pensamento em experimento.

Em meados dos anos 60, organizou (juntamente com outras personalidades da intelectualidade pernambucana) um projeto denominado "Movimento de Cultura Popular", dentro do qual comandou uma atividade denominada "Círculos de Cultura", onde grupos populares discutiam temas por eles mesmos propostos (através da mediação de um orientador), na tentativa de alcançar uma compreensão crítica das temáticas discutidas. Essa atividade foi fundamental para a sistematização do "Método Paulo Freire" e, então, no ano de 1963, o pernambucano promoveu um dos mais marcantes feitos da história, no contexto da alfabetização de adultos a experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte. Nela, um expressivo número de adultos analfabetos foi alfabetizado num curtíssimo período de tempo, demonstrando a eficácia e o sucesso desse método desenvolvido pelo pedagogo. Como conseqüência, Freire ganhou fama nacional e, desse modo, foi convidado pelo Ministério da Educação para liderar um projeto que visava alfabetizar, politizando, significativa parte da grande massa de adultos analfabetos do Brasil, intitulado "Programa Nacional de Alfabetização", durante o governo de João Goulart.

A revolucionária proposta pedagógica do educador (vista como subversiva" pelos setores conservadores da sociedade brasileira) fez do exílio a sua única opção, após a desenfredda perseguição que sofreu por parte do governo (sendo inclusive preso), na ocasião do golpe militar, em 1964. Assim sendo, viveu fora do Brasil durante dezesseis anos, passando por países como Bolívia, Chile, EUA (onde lecionou na Universidade de Harvard) e Suíça (onde foi consultor do Conselho Mundial de Igrejas, trabalhando na área de educação). Nesse período, ao contrário do que esperavam seus perseguidores, a filosofia educacional do pernambucano amadureceu e, assim, sua luta por justiça social alcançou o cenário global, através da verdadeira "peregrinação" que o educador fez pelo mundo, a serviço do Conselho Mundial de Igrejas. Nessa empreitada, merece destaque a atuação de Freire na África de língua portuguesa, onde ajudou na implementação dos sistemas educacionais nos países que então se libertavam das "garras" do colonialismo opressor. Em 1980, após a anistia no ano anterior, Paulo mudou-se definitivamente para o Brasil (onde permaneceu até sua morte, em 1997), com o coração aberto e uma enorme vontade de "reaprender seu país". Em São Paulo, voltou a ser professor, dessa vez lecionando na Pontifícia Universidade Católica e na Universidade Estadual de Campinas, onde foi recebido calorosamente pelo meio acadêmico, já com o status de filósofo universal que a intelectualidade lhe concede atualmente. Durante o exílio (e depois dele), Paulo Freire recebeu inúmeros prêmios e homenagens ao redor de todo o planeta, muitas vezes de organismos como a UNESCO, que demonstram toda relevância de sua filosofia para a consolidação da teoria educacional do século XX. Entre os anos de

Ministério
da Cultura

1989 e 1991, o educador foi Secretário de Educação do Município de São Paulo, exercendo, na prática, o caráter político que sempre atribuiu ao ofício do educar. Sua gestão foi marcada por uma profunda mudança no sistema educacional da maior cidade do país, pautada na luta pelo aumento dos salários dos docentes, pela qualificação de todos os profissionais do setor e pela melhoria da integração entre as comunidades populares e o ambiente escolar. Após sua saída do cargo, Freire voltou a se dedicar às suas aulas e aos seus escritos, consagrados por todo o globo e traduzidos em dezenas de idiomas, que vão desde o japonês até o hindu.

Em sua obra, condena o processo pedagógico, que chamou de "educação bancária", onde o educando permanece em uma posição passiva, sendo considerado como parte que "nada sabe", ao contrário do educador, que simplesmente "deposita" conhecimentos em seus alunos. Defendia a necessidade de uma nova educação (chamada de "problematicizadora"), onde deveria ocorrer um aumento de participação do educando, bem como uma nova postura sua e do educador diante da realidade, que deveria ser considerada como possibilidade e não como fato imutável. Além disso, acreditava que a educação jamais poderia ser um ato politicamente neutro, exigindo assim, uma clara postura do educador em relação ao mundo, coerente com suas práticas e de acordo com os valores democráticos, sem nenhuma manipulação ideológica.

A trajetória e o pensamento do pedagogo pernambucano impressionaram de tal modo José que, logo após a sua alfabetização, resolveu tentar ler justamente "Pedagogia do Oprimido", livro escrito por Paulo durante o exílio. Apesar de ter sido advertido das dificuldades que poderia encontrar na leitura, o agricultor não desistiu. Ao abrir a obra, contemplou a dedicatória e, depois de alguns instantes, percebeu a profundidade daqueles dizeres. Enxergou-se como um dos "esfarrapados do mundo" aos quais o autor fazia referência e, em seguida, concluiu que Freire foi um dos que "lutou e sofreu com eles". Já não era mais aquele José de um ano atrás. Compreendia todos os vértices da sua miserável

condição e da opressão da qual era vítima, juntamente com milhões de outros seres humanos. Enfim descobria que sua pobreza não era fruto da natureza mas, pelo contrário, se originava de uma ordem social injusta, onde sua "humanidade" fora roubada, tornando-o um "demitido da vida". Sentiu uma profunda e legítima indignação, ao pensar nos anos em que fora privado da possibilidade de "ler e de escrever a sua palavra", entendendo sua existência como ele agora entendia. Ao ser alfabetizado, José aprendeu muito mais do que apenas ler e escrever palavras: aprendeu a "ler" a sua realidade e, sendo capaz de "lê-la", deduziu que poderia então reescrever a sua história. Não era ingênuo, para pensar que sairia facilmente de sua condição social, mesmo dotado de uma nova mentalidade. Assim como Paulo Freire, sabia que a educação sozinha não poderia "consertar o mundo" mas, mesmo assim acreditava que ela era uma ferramenta indispensável. Através da pedagogia "libertadora" do pernambucano, o agricultor pôde entender claramente as duras contradições da civilização humana, sendo tomado por um súbito desejo de transformar esse contexto. Sua agonia poderia ser comparada à do homem que se liberta da caverna, no mito de Platão, emergindo para uma nova dimensão: a dimensão da verdade. Assim como o homem liberto de Platão, José sentiu extrema necessidade de voltar à "caverna da dominação", para libertar os seus iguais. Imaginou um novo Brasil, destituído de resquícios colonialistas, totalmente livre de fenômenos como o "coronelismo", a corrupção e a violência dos grandes centros urbanos, equipado com um amplo e qualificado sistema educacional, com o poder de atingir cada cidadão brasileiro, provocando neles a mesma reviravolta que a alfabetização progressista provocou em sua vida. Por mais utópico que parecesse seu sonho, por mais difícil que fosse a solução, o agricultor não se intimidou. Conforme Paulo Freire pregava, julgou ser necessário reinventar a sociedade, "de baixo para cima". Com o coração cheio de esperanças, resolveu acreditar no sonho: se a educação foi capaz de mudar sua vida, torná-la capaz de mudar o mundo era só uma questão de esforço coletivo.

Transformação pela alegria



MARIA JOSÉ GRALATO BATISTA
CENTRO SOCIO-CULTURAL
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
DE FÁTIMA, NOVA FRIBURGO-RJ

CATEGORIA
ALFABETIZADOR

CLASSIFICAÇÃO
1º LUGAR

PROFESSOR
NÃO HOUVE

O fio que vai tecer estes relatos de vivências é o da alegria. Alegria que vai tecendo esperanças, unindo o que antes era disperso, isolado, sombrio, impulsionado pela paixão, na construção da vida e da cidadania.

O que poderia ser comparado à alegria daquela senhora que, com seus dedos endurecidos pelos longos anos de trabalho pesado nas faxinas que se repetiam, na busca pela sobrevivência, desenha cuidadosamente a palavra "VIDA"? Conhece-lhe o sentido, compartilha e seu saber e vai encontrando outras palavras da família, encaixando-as como em um quebra-cabeça, uma a uma, as peças com seus novos conceitos partilhados com seu grupo. Não sente vontade de ir embora. Sua voz mansa enfrenta o desafio, ensina e aprende.

A sua alegria seria semelhante à do pedreiro que já assina seu nome e o confere com sua carteira de identidade, com o polegar carimbado, letrinha por letrinha?

Ou da senhora que, enquanto aguarda a saída de suas companheiras, olha para o mural de avisos e vai identificando, sorridente, a mensagem ali contida... Ao perceber um educador que silenciosamente a observava, lhe confia a tarefa que diariamente, no trajeto de casa para o trabalho, vai observando tudo à sua volta e se atrasa um pouco, até conseguir entender o que leu.

O filho que pede, na festa de fim de ano, um tempo para partilhar sua alegria e surpresa quando, ao lazer um encontro de casais em sua Igreja, recebe, dentre vários cartões, um especial, com a mensagem de sua mãe, com a qual conviveu desde a infância como analfabeta, como se isso fizesse parte de seu perfil doce, terno e submisso. Sabia que freqüentava a E.J.A., mas não imaginava capaz de comunicar-se tão bem!

Um senhor franzino, educadíssimo, de voz baixa, pede ajuda para passar a limpo os versos longos de sua "Folia de Reis" e corrigir os erros. Tarefa árdua. daquelas folhas amareladas, amassadas e algumas fora de ordem, surge nova digitação. A correção é feita não nas palavras, mas no nosso enfo-

que diante de tanta beleza contida na forma literária quem se dedica a levar a preciosidade de nossa cultura popular na emocionante singeleza e pureza do nosso povo. Todos participam. Montam-se barraquinhas para a venda de plantas que cada um leva como um pouco de si. A festa é celebração do Dia do Folclore. A ajuda vem para a compra das fardas. Na época oportuna, a Folia, já de farda nova, se apresenta. Participa de concurso e se classifica em primeiro lugar! Era o sonho sonhado junto, virando realidade...

Aula de Ciências: cuidados com a higiene, saúde, doenças... Ninguém nunca ouviu falar em icterícia, mas todos sabem o que é "tirissa" e sabem como cuidar. Agora são apresentados a uma nova palavra. Apenas o cuidado para não desprezar o antigo, nome conhecido de suas mães e avós. É a valorização dos diversos saberes. Dar condições de que cada um expresse com a segurança e autoconfiança, na busca da organização do pensar. Isso só será possível na medida em que construímos em cima de um patamar de vivências que precisam ser reconhecidas, mesmo que baseadas, em sofrimentos, privações, negações, exclusões e angústias para, a partir daí, sem tirar o "tapete histórico" e referencial, dar sabor e sentido à caminhada de quem vai, gradativamente, ganhando novas consciências.

Aprender com rezadeiras, com as velhas senhoras que, ao nascimento de criança nova na família, segue o respeitoso ritual de apresentação à lua. Intimidade homem & natureza, que entende as falas do vento, da chuva, do canto dos pássaros... Cuidadoso equilíbrio entre manter essas belíssimas tradições, poder contemplá-las e, ao mesmo tempo, desvendar-lhes os mistérios que aprisionam, que proíbem e impõem regras assustadoras, porque não conhecem os "porquês". É a educação libertadora.

O que dizer da alegria daquela que já não precisa de ajuda no ponto de ônibus, para saber qual o destino de cada um deles?

Ou quem sabe da outra que, após ter levado um bolo saboreado por todos, chega em casa, gasta horas na elaboração de um relato, passo a passo,



Instituto Paulo Freire



PETROBRAS

Fundação
Assis ChateaubriandASSOCIADOS
INVESTIMENTOS COM O BRASILFUNDAÇÃO
BANCO DO BRASILMinistério
da CulturaBRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

da preparação do alimento tão apreciado, pois sua educadora havia espontaneamente solicitado a receita. Ao receber o presente, desculpa-se pelo exaustivo trabalho a que lhe submetera, expresso nas várias páginas do pequeno caderno, ao que ela responde: "Minha filha, eu levei setenta anos da minha vida, analfabeta. Isto para mim não é trabalho: é felicidade!!" E descobrimos que mergulhar alguém no mundo das palavras é construir um maravilhoso hino à vida.

Seria a mesma alegria da turma inteira que ao final do ano, escreveu, cada qual para alguém do seu relacionamento, uma cartinha, enviadas todos em conjunto pelo educador: uma para o presídio, outra para um parente que mora distante e que não é visto há anos... Agora vão recebendo as repostas!

Festa Junina: preparação da festa... Em todos os grupos, o tema é o mesmo. Vão criando listas de produtos que cada um deseja doar. Todos os familiares são convidados. Durante a semana, no final das aulas, as danças são ensaiadas, em momentos de inigualável alegria. Dia da festa: todos vestidos à caráter, comidas típicas... Festa da gratuidade, da fartura, da multiplicação!

Alguns estão no Projeto por não se enquadrarem nas escolas formais, por se sentirem diferentes. São os portadores de deficiência" ... Fico refletindo se deficientes não seríamos nós: de alegria, amorosidade, encantamento, esperança e afeto. Outros permanecem há vários anos e alguns já conseguem, com certa facilidade, ler, escrever e não só interpretar o que leram e escreveram, mas desejam ir além: ficarem sintonizados com as notícias dos jornais e telejornais, das clonagens, eutanásias, da morte de crianças indígenas, dos programas da TV que le-

vam o povo à unanimidade de opinião. Querem pensar mais diferente. Desejam ter suas próprias sínteses, após os debates. Não querem mais ser "cordeiros". É a educação como processo libertador, proporcionando um arejamento de idéias, no acolhimento que nos encoraja e nos torna capazes, impulsionados pela criatividade.

A costureira que estimulada, escreveu poesia. Poesia esta que, juntamente com as de outras colegas, acabou editada um livro produzido por uma escola local, que se abriu em parceria para esta e tantas outras soluções. O livro é exibido para os parentes, amigos e vizinhos. Esta mesma pessoa recebe agora espaço no jornalzinho recém-criado em seu trabalho, para escrever mensalmente matérias sobre o assunto que lhe convier. Deseja aproveitar bem esta oportunidade. Pensa em como batizar sua coluna. Todos participam com sugestões. É a mesma batida do coração. É Paulo Freire marcando o compasso.

Do mesmo grupo, outra educanda que, no passado, chegou sofrendo de depressão: hoje livre e segura, é a mãe que provê o sustento de sua família. Continua com problemas, mas soltou as amarras que a impediam de caminhar. Segura com firmeza as rédeas de sua existência.

Emoção ao acompanhar o projeto do pedreiro que se sente responsável pela alimentação das crianças desnutridas, moradoras de sua comunidade. Ele serve, ajudado pelo biscateiro, a canjiquinha da aposentada, a multimistura da amiga agente de saúde, a casa, a panela, a mesa limpinha, o tempero de sua mãe, a refeição, após agradecer ao Deus da vida pelo alimento para o corpo e para a alma, em comunhão perfeita...

Concluimos, como ensina o nosso inspirador Paulo Freire, que ninguém educa; ninguém se educa sozinho. O homem só educa em comunhão!

Paulo Freire: Educação para a Transformação



IDÊ CARNEIRO R.A. DA SILVA
CESEC-RÉCIO DE SOUZA
RIBEIRO, RAUL SOARES - MG

CATEGORIA
ALFABETIZADOR

CLASSIFICAÇÃO
2º LUGAR

É sabido que as dificuldades impostas por uma vida pobre e sofrida, não impediram que Paulo Freire, o maior educador brasileiro de todos os tempos, fosse reconhecido pelos organismos internacionais como a personalidade do século XX. Desde muito cedo permitiu que a leitura do mundo que o rodeava, do quintal de casa, entre bichos, avencas e mangueiras, se fizesse presente em sua vida. Ele deixa claro em seu livro, a importância do ato de ler, que a leitura do mundo que nos rodeia é fundamental para que o letramento aconteça.

Quando a uma criança é permitido saborear os livros de literatura, o nome dos objetos, brinquedos que fazem parte de sua vida, sem qualquer formalidade e pressão, com o prazer simplesmente de tocá-los, de conhecê-los, "lê-los", a leitura e a escrita chegarão de mansinho, aconchegante e sábia, sem ser percebida e, quando a percebemos ela está ali, presente, fluindo da boca e principalmente do coração destas crianças.

Através de Paulo Freire pudemos perceber, e sentir, como é mágico o processo da leitura e da escrita.

Ensinar não é transferir conhecimento, é preciso que "o corpo humano vire corpo consciente, captador, aprendedor, transformador, criador de beleza e não "espaço" vazio a ser preenchido por conteúdos." As palavras que faltam a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem.

Personalidade do século, Freire, seria aquele que poderia oferecer novos rumos à educação de jovens e adultos para o século XXI ou o novo milênio, inspirada nos "quatro pilares básicos da educação do futuro" que são eles: aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver juntos.

Diante de dados estatísticos alarmantes e preocupantes, referente ao número de adultos analfabetos e milhões de crianças que nunca forma a escola e outros que já a abandonaram, Freire não mediu esforços para combater um dos sintomas dos grandes males da humanidade, a globalização. O mundo vive numa crise de identidade decorrente deste processo globalizante. Segundo especialistas ele é a "alternativa pedida" para iluminar hoje outras frentes. Sua preocupação com o homem contemporâneo é muito grande, pois na condição de consumidor, estava perdendo o direito de ser cidadão.

A produção teórica e a ação prática causaram e causam grande impacto em âmbito mundial. A sua concepção é mais atual do que nunca, por partir do mais específico, do mais local para o geral, para o mundial.

Sua obra tem uma herança de valor incomparável para educação, porque ele foi um homem que amou, que dedicou toda sua vida refletindo e escrevendo para defender os atormentados e os oprimidos. Para ele é necessário compreender a vida e a existência humana para a busca do conhecimento e acima de tudo, amá-las.

Na filosofia educacional de Paulo Freire dois aspectos são fundamen-

tais: o diálogo e a conscientização. O diálogo consiste na integração dos indivíduos de forma coerente e harmoniosa pois "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho; os homens se libertam em comunhão."

O papel do educador é dialogar com seu aluno, acreditar na sua capacidade, no seu poder de criar, de transformar, para poder renascer. É a sua luta por sua libertação. O aluno nunca está pronto, acabado ele vai se fazendo durante toda vida na busca de ser mais, se completando e ajudando os outros a se completarem.

Freire diz ainda, que o professor deve ser capaz de ensinar, mas também de aprender com as experiências que os alunos trazem para a sala de aula.

É preciso que o professor tenha consciência de que não sabe tudo, e que o aluno não ignora tudo; e por isso acreditava no diálogo para transformar os homens, para educá-los. Em seu livro Pedagogia da Indignação ele narra sobre a morte do índio Pataxó, Galdino Jesus dos Santos, que foi queimado vivo por cinco adolescentes de classe média de Brasília em 1997, e que ao serem interrogados pela polícia disseram que estavam brincando. "Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente(...) não é possível refazer este país, democratizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho e inviabilizando o amor."

Esta passagem nos faz lembrar o maior mestre da humanidade, Jesus, que diz "Amarás o Senhor com todas as forças de tua alma, e a teu próximo com a ti mesmo". Aqui resume toda educação do amor descrita por Freire.

Percebe-se que "muita gente fala, mas não se comunica. Muita gente ouve o que se fala mas não entende; muita gente lê, mas não compreende o que está escrito. Muitas pessoas vivem reunidas mas não unidas - elas não se comunicam. Para nos comunicarmos precisamos de palavras escritas e faladas, de máquinas, mas sobretudo, do desejo de nos entendermos". Só a educação é capaz de transformar as pessoas, mudar um lugar, melhorar as condições de vida. Quem não é alfabetizado vê o mundo com dois olhos; quem lê e interpreta vê com quatro, muitas vezes até, sendo portador de necessidade especiais.

A Educação vai muito além dos currículos ensinados na escola. Engloba aprendizado da vida, vivência, atitude, mudança de comportamento, transformação.

Ela deve estar presente no trânsito, no respeito as leis, no meio ambiente, na vida profissional, no tratamento que se dá as pessoas e as coisas. É preciso a educação do amor. Freire se preocupou com tudo isto, em seus 25 livros. Deixou aos educadores uma ampla visão do que é a educação e como fazer a diferença.

Paulo Freire: educar para esperar



LÚCIA HELENA LAVES DE SÁ
CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL 104 NORTE.
ASA NORTE - DF

CATEGORIA
ALFABETIZADOR

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

Etimologicamente, a palavra educar origina-se do latim *ec-ducere* que significa *eduzir*. No alemão, corresponde à palavra *erziehen*, formada por *ziehen*, que significa puxar, arrancar; e pelo prefixo *er* que denota um movimento completo para fora. Logo, educar é trazer para fora, é extrair de uma pessoa algo que a torne transformada. É, de certo, também, uma ação interativa e dialética realizada entre as pessoas que atuam na sociedade e nela estão imersas. Bem assim, educação é o processo que renova uma pessoa, extraindo-lhe ou libertando-lhe suas potencialidades criadoras. Ou como diria Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*: "os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Todavia, as forças contra-educativas obstaculizam a emancipação do poder criativo em crianças, jovens e adultos. Paulo Freire disso esteve sempre cômico e evidenciou que, por um lado, cada um de nós tem de ser sujeito do processo educativo e, por outro, que educar não é se encher isoladamente de conhecimento, que "ninguém se educa a si mesmo". Assim posto, a educação é ontologicamente política; sem mudança ela não existe. A finalidade de todo ato educativo é a transformação que, por sua vez, não ocorre sem luta pelo poder, sem o ato de modificar o mundo para quem, com quem e contra quem. Igualmente, se faz digno de nota que todo ato educativo (e aquele educador o fez) deve, sobretudo, indagar com que intensidade e alcance deve haver tal mudança, seja ela no nível histórico, social ou individual.

Desse modo, educar é produzir conhecimento inovador que dá feição nova à realidade, à sociedade. Basta lembrar dos inúmeros conhecimentos elaborados pelo homem ao longo dos séculos em filosofia, literatura, artes, ciências e tecnologia que outrora transformaram o mundo e hoje produzem saberes (no sentido mais amplo da expressão) de alta qualidade e darão um contributo de grande valor ao patrimônio comum da cultura humana. Aqui aparecem os conflitos de interesses inerentes ao fato de que conhecimento implica aquisição, a manutenção e a reinvenção do poder. Paulo Freire, então, pensou em um ato educativo que irrompesse as forças criadoras latentes que não são apenas inatas; ao contrário, podem ser desenhadas no ser humano em qualquer fase de sua vida.

Especificamente, aquele educador elaborou um método que incita o pensar autêntico e original nos indivíduos, promovendo o surgimento de criativos escritores, poetas, cientistas em nossa sociedade; ou mesmo o aparecimento de matemáticos, físicos, literatos, pensadores que apresentassem conhecimento novo e fértil ao longo de suas vidas; bem como de uma Escola, uma Universidade (a chamada educação formal ou sistemática) que garantisse a pesquisa e a criatividade. Por fim, indagou-se quanto à concepção de ser humano que devemos ter para intervirmos positiva e construtivamente no fenômeno educativo. Ou seja, tentou humanizar o conhecimento e, por conseguinte, o poder.

Paulo Freire sabia tanto da necessidade de um sistema econômico e de políticas governamentais que fomentem - e não atrapalhem - a realização da educação, como de concepções pedagógicas e métodos de ensino de alfabetização que tornem o ser humano sujeito de sua própria educação. Infelizmente, a realidade histórica brasileira (com escravidão, ditadura, pobreza, exclusão social, violência e corrupção) impede a emergência de forças criadoras já envolvidas na e pela contra-educação. O problema de nossa educação consiste, indubitavelmente, na questão de como superar a contra-educação que, em termos ontológicos, é tudo aquilo que oblitera o ser humano de seu mais do que já é e cujo fim não é a transformação.

Nessa perspectiva, acredito que haja pelo menos duas vertentes com as quais posso ler o pensamento pedagógico de Paulo Freire: o fim de apreender o sentido da educação para a transformação. A primeira apontaria para a sua tentativa de superar todos os obstáculos contra-educativos existentes na nossa cultura, na nossa sociedade

Ministério
da Cultura

lançar

em cada um de nós, tanto no âmbito temporal quanto no espacial. A outra analisaria o seu pensamento, tentando encontrar a originalidade do novo caminho proposto por ele. Assim, sigo nessa direção, levando em conta as delimitações do presente trabalho, com o intuito de, na medida do possível, abordar o núcleo de sua obra.

Paulo Freire desde o começo de sua vida pedagógica enfatizou que em nossa economia capitalista, poucas pessoas se beneficiam da riqueza do país, enquanto muitos passam ao largo de usufruí-la. De um lado, há uma elite que goza o deleite dos bens materiais e o acesso a instituições de ensino que oferecem conhecimentos científico, filosófico, artístico e cultural gerados pela Humanidade; e, de outro, inúmeros indivíduos que, quando muito, freqüentam escolas cuja qualidade, em geral, não é das melhores. Essa contra-educação já era uma constante nas escolas dos anos 50, e mantida essencialmente invariável no tempo, foi por ele denunciada em um de seus primeiros textos, *Educação e Atualidade Brasileira*: "Não será com essa escola, hoje ainda mal preparada materialmente, sem equipamentos, sem adequado material didático, sem condições higiênicas, sem vitalidade, sem verba, que poderemos ajudar o nosso educando a inserir-se no processo de democratização e de nosso desenvolvimento."

Esteve Paulo Freire a questionar qual papel pode exercer a educação (formal ou não) na transformação de nossa realidade que privilegia poucos e afugenta muitos. Concluiu que a alfabetização pode conscientizar a camada popular primeiro, de sua situação de excluído, ou oprimido; e, segundo, viabilizar uma ação cultural, no sentido mesmo antropológico, com vistas a permitir o aparecimento de sujeitos críticos comprometidos com a mudança e engajados na luta pelas reformas nas estruturas socioeconômicas e políticas. Essa tomada de consciência pode até esclarecer aos trabalhadores se o seu objetivo é, por meio da educação, procurar ter o que a classe dirigente possui ou se é gerar conhecimento inovador que modificará a sociedade. Tal método, quase exclusivamente dedicado à educação de adultos, ao empregar temas e palavras geradoras retiradas do contexto sociolinguístico do educando, permite o enriquecimento da linguagem do povo, não deixando de lado a aquisição da chamada linguagem culta. Aliás, esta foi histórica e ideologicamente confundida como a linguagem daqueles que detêm o poder de mando no Brasil, enquanto a plebe se inundava em resquícios linguísticos, estigmatizando-os como linguagem de pobre.

Vale dizer que Freire nunca se opôs à beleza, à importância e ao domínio da linguagem culta. Na verdade, era terminantemente contra a idéia de se introduzir, de cima para baixo, nas mentes dos educandos menos assistidos socialmente, os padrões cultos de linguagem. Ele nos certificou de que a linguagem do povo deve ser valorada para que, do contato com a linguagem culta, surja uma outra que revele como a transformação da sociedade se realiza e como cada indivíduo pode nela interferir. A linguagem é, pois, um dos meios mais sutis em que se pode aferir o grau de êxito de um processo educativo.

Embora tenha incentivado a educação popular em associações comunitárias e em outros agrupamentos sociais, Paulo Freire via, também, na escola sistemática, o locus adequado para fazer emergir as potencialidades criadoras de educadores e educandos. Criticou, porém, a educação "bancária", detectou e negou as forças contra-educativas que atuavam (e ainda atuam) no sistema de ensino formal a fim de superá-las e substituí-las por um outro tipo de ambiente educacional. Um ambiente que incitasse e induzisse o aparecimento de pessoas criativas nos vários segmentos fossem sujeitos do processo de estudar que o conteúdo disciplinar fosse profundamente compreendido por ambos.

Na escola idealizada por Freire realmente se estudaria e se trabalharia, nela não se diluíram disciplinas de estudo e uma disciplina de estudar como ocorre, por exemplo, na graduação. Nesse nível se ensina o que foi feito, ao passo que na pós-graduação se pesquisa o novo.



Instituto Paulo Freire



PETROBRAS

Fundação
Assis Chateaubriand

ASSOCIADOS

FUNDAÇÃO
BANCO DO BRASILMinistério
da CulturaBRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Esse dilema entre ensino e pesquisa empobrece o nosso sistema educacional visto que aqueles que cursam apenas a graduação - formados somente para transmitir saberes alheios - são os responsáveis pela educação de meninos e meninas nos ensinos fundamental e médio e ignoram que se deve ensinar para a pesquisa. Quando se ensina pesquisando e se pesquisa ensinando, não existe nenhuma dicotomia entre a transmissão de conhecimento já elaborado e aquele em fase de gestação. Seguramente, Paulo Freire estava convicto de que a pesquisa provoca a emergência de idéias novas e fecundas no ser humano e é esse momento de júbilo existencial que é inerente a um físico, a um poeta, a um matemático, a um escritor, a um artista.

De fato, Paulo Freire concebeu a educação como uma centelha sem a qual não há nenhuma transformação da realidade. Apenas na produção de conhecimento inovador, original, é possível intervir no mundo. E esse é um ato essencialmente político, transformador, porque temos de decidir para quem e contra quem esse mundo deverá

ser mudado e questionar a quem interessa a contra-educação, quem se aproveita economicamente dos métodos contra-educativos ainda presentes em nossa sociedade.

Já que do ponto de vista econômico um país que não investe maciçamente em educação está fadado a se manter em um estágio de subdesenvolvimento, creio que a educação libertadora proposta por Paulo Freire, mesmo dentro de um sistema capitalista, pode aproveitar-se das contradições intrínsecas à sociedade para alavancar a verdadeira finalidade do conceito de educação: educar para a transformação.

Apesar da dominação da contra-educação, já confundida com aquele conceito, Paulo Freire recomenda uma paciência impaciente, de um lado, e uma impaciência paciente, de outro, como os pilares básicos de uma pedagogia de esperança. Portanto, não é inoportuno aproximar o seu pensamento com o de Heráclito (Fragmento 18): "Se não tiveres esperança, não encontrará o inesperado, pois não é contradição e não é inacessível."

Paulo Freire e a educação para a cidadania

ANTONIO D. DOS S. OLIVEIRA
ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA
YOLANDA PINTO CABRAL,
BALNEÁRIO PICARRAS - SC

CATEGORIA
ESTUDANTE DO EJA

CLASSIFICAÇÃO
1º LUGAR

PROFESSORA
TÂNIA M. DOS SANTOS LINHARES

Homem que nasceu em 1921 em Recife, numa família de classe média, que ao completar 13 anos perdeu seu pai.

Formado em Direito, mas não exercia a profissão, encaminhou a vida profissional voltada para o magistério.

Suas idéias pedagógicas se formaram a partir da observação, da cultura dos alunos e em particular o uso da linguagem e do uso do papel fundamental da escola que é mediar conhecimentos aos alunos para então acontecer aprendizagem que levem o educando a situar-se no mundo como cidadão.

Homem que conseguiu num programa alfabetizador, alfabetizar 300 pessoas em um mês.

Freire passou 70 dias na prisão antes de exilar-se em 1968 no Chile, por causa do Golpe Militar no Brasil. Escreveu vários livros como: Pedagogia do Oprimido, Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança. Deu aulas nos Estados Unidos e na Suíça e organizou planos de alfabetização em países africanos. Em 1979 com a anistia voltou ao Brasil, integrando-se a vida universitária, filiou-se ao PT em 1989 a 1991, foi secretário municipal de educação em São Paulo, foi casado por duas vezes e teve 05 filhos.

Foi nomeado doutor Honóris em 28 universidades, em vários países teve obras traduzidas em mais de 20 idiomas, morreu em 1997 de infarto.

Paulo Freire mentor da educação para a consciência. Educador que defendia que os professores ou a escola que ensinasse o aluno não só ler e escrever, mas sim aprender a ler o mundo para transformá-lo.

Paulo Freire tinha como objetivo maior conscientizar o aluno desfavorecido da sociedade, levá-lo a entender sua situação e a agir em favor da própria libertação.

Freire não aceitava o ensinamento que as escolas ensinavam, favorecendo a burguesia, achava que as escolas não ensinavam, mas sim depositavam conhecimentos no aluno. Assim ele resolveu implantar um novo modo de levar o educador a curiosidade e ao espírito de investigador, para então levar o educando a criatividade.

Freire não aceitava a idéia de que o ensinar era transmitir o saber porque para ele a missão do professor era possibilitar a criação ou a produção do conhecimento. Paulo Freire pensava que o profissional da educação deve levar os alunos a conhecer os conteúdos, mas não a verdade absoluta.

Paulo Freire acreditava que as pessoas também não aprendem sozinhas, que precisamos da interação, pois os alunos chegam na escola levando uma bagagem de cultura que serve de base estrutural para que o

educador aprenda com essas experiências e proporcione mais aprendizagens, não deixando de conhecer as significatividades das mesmas para o educando.

Na sala de aula, professor e aluno aprendem juntos, através da expressão e as culturas de cada um.

O ensinamento de Freire não torna mais rápido o aprendizado, mas sim se trata de conhecer a realidade, pois viver é aprender, aprender é conhecer. E as aprendizagens fazem um país educado, pois um país sem educação é um país violento, sem crescimento, sem cultura.

Paulo Freire queria com seus estudos que a educação servisse para todos sem distinção de cor, raça ou situação social, para que as pessoas vissem, caminhassem na vida que é um caminho com encontros e desencontros com dificuldades e riscos, que as pessoas precisam estar preparadas para saber lidar.

Para Freire a concepção de ensinamentos é uma concepção de que estes são construídos pelos seres humanos na escola devem servir para exercer o papel de cidadão, compreender a situação da sociedade e com a ação de cada um transformá-la num mundo melhor.

Com a educação que Paulo Freire propunha as pessoas vencem barreiras, injustiças, opressão, miséria e escravidão.

Não esquecendo dos avanços tecnológicos para dizer que as pessoas precisam da educação para a vida profissional, e muito mais para a vida afetiva, no sentido de compreender as outras pessoas.

Hoje com as exigências do mercado de trabalho, mais que nunca precisamos perceber a importância do estudo na vida de uma pessoa, essencialmente é necessária para o desenvolvimento das aptidões.

Assim posso dizer que o objetivo principal de Paulo Freire é uma nova visão de alfabetização de crianças ou de adultos que estimula a capacidade de se comunicar, organizar, criar e tomar decisões, capacitando o educando para uma educação moderna e eficaz para o bem como ser humano e da sociedade.

Paulo Freire caracterizava a prática pedagógica como um desafio, que só os educadores que entendem o interacionismo e a capacidade do desenvolvimento das pessoas com o outro é que buscam essa metodologia de ensino.

Desse modo podemos concluir que a alfabetização proposta por Paulo Freire é um exercício para a verdadeira cidadania.

O Brasil e o mundo necessitam de uma estratégia que preserve o ser humano como um ser social capaz de mudar qualquer situação social de um país.

As grandes lições de Paulo



CLARICE T. SCHUH KREUTZ
ESCOLA ESTADUAL DE
EDUCAÇÃO BÁSICA CRUZEIRO,
SANTA ROSA - RS

CATEGORIA
ESTUDANTE DO EJA

CLASSIFICAÇÃO
2º LUGAR

PROFESSORA
KÁTIA VIVIANE GERARDON

Certo dia, o nosso Brasil foi agraciado com o nascimento de um menino, mais precisamente no dia 19 de setembro de 1921, e deram-lhe o nome de Paulo Reglus Neves Freire. Ninguém podia imaginar que um dia ele iria se tornar fenômeno internacional da Educação.

Muito cedo seus pais haviam lhe ensinado a leitura da palavra, em uma humilde casa sob a sombra de algumas mangueiras que ficavam na Estrada do Encantado, 724, no bairro da Casa Amarela, em Pernambuco. Desde muito cedo o menino franzino, mostrava grande interesse pela leitura e aos seis anos ingressou na escola, já alfabetizado. Como as dificuldades eram muitas, deu continuidade aos estudos somente através de batalhas e lutas suas e de sua mãe, pois seu pai já havia falecido.

Os anos foram passando e Paulo percebia que o povo estava sendo destinado à exclusão, ou seja, a margem da participação e do conhecimento, transformando-se em mera massa de manobra, sim, massa de manobra, pois era conveniente para os órgãos governamentais manter o povo na ignorância, para assim, poderem fazer com o povo e com o que é do povo aquilo que bem entendessem, nem dar satisfações nem serem criticados, mesmo porque o povo assim não se dá conta do que está acontecendo.

Paulo Freire tinha muita amorosidade com as pessoas e não podia se calar diante de tanta injustiça e barbaridades que via acontecer. Então ele dá início a inúmeros trabalhos, projetos, movimentos, conferências populares e sempre com a preocupação voltada para a inclusão social, do jardim de infância até a educação de adultos, com o objetivo de desenvolver currículos e a formação de professores.

A partir do desenvolvimento de seus projetos é que se começou a falar no "Sistema Paulo Freire", que podia ser aplicado em todos os níveis da educação.

Em 1958 foi realizado o 2º. Congresso Nacional de Educação de Adultos, onde Paulo Freire teve uma marcante participação. Esse congresso abriu as portas para o problema da alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo golpe de Estado de 1964.

Somente após 1970 a teoria e a prática pedagógica de Paulo Freire tornaram-se reconhecidas no Mundo.

Infelizmente nem sempre seus projetos foram interpretados satisfatoriamente, pois já em 1964, ele estava ciente das dificuldades e dos custos políticos envolvidos em seu programa pedagógico. Paulo Freire sempre estava atento às armadilhas e aos obstáculos, que claramente se voltavam ao mais famoso educador brasileiro

lo Freire

e, mesmo atento, conduziram-no a interromper suas práticas que eram de suma relevância ao povo brasileiro.

Exilado de seu país, ele foi acolhido em países estrangeiros, os mais diversos, onde pôde dar continuidade aos seus projetos revolucionários em prol do povo oprimido. Encarcerado duas vezes, por causa de sua metodologia transformadora, não desanimou e com sua segunda chance, vinte e cinco anos depois, Paulo Freire teve de "reaprender" seu país e enfrentou novamente os mesmos dilemas e obstáculos.

Hoje, grande parte das teorias de Paulo Freire são aplicadas na Escola Estadual de Educação Básica Cruzeiro, na qual, aos meus 45 anos de idade, estudo na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde em cada totalidade aprendemos grandes lições, porque os educadores trabalham conosco, onde aproveitamos o nosso conhecimento já adquirido através da vivência, com o conhecimento do educador e cada vez mais no campo do saber. Fazemos muitas pesquisas, dos mais diversos assuntos e a cada final de trabalho socializamos no grande grupo. A cada socialização, mais grandes lições para cada educando.

Paulo Freire queria uma educação transformadora, na qual o educando pudesse conhecer-se como sujeito, bem como se inteirar das relações sociais e políticas. Posso dizer que esta metodologia está implantada na nossa escola, pois nós educandos que lá estudamos realmente nos sentimos transformados, criamos um olhar mais amplo e crítico sobre qualquer situação social, comunitária e familiar, vimos que também podemos nos expressar, interagir, colocando nossa opinião própria.

Por ser uma educanda da EJA, sinto-me realizada, pois só lá pude concretizar o meu sonho, que é voltar a estudar, apenas lamento que ao concluir neste corrente ano o Ensino Médio, terei que parar de estudar, pois na minha cidade não existe uma universidade gratuita.

Sinto-me feliz e gratificada em poder usufruir, aqui, no Sul do Brasil, de tão grande e valioso "Método Paulo Freire", fico a pensar de como seria a história da Educação de Jovens e Adultos e a alfabetização em geral se não tivesse ocorrido a ditadura, talvez a educação estaria a caminhar a passos largos ao invés de engatinhar tão lentamente. E como esta metodologia passa décadas e décadas, ainda podemos constatar que não é governamental.

Hoje em pleno século XXI percebe-se com clareza a luta que os educadores precisam enfrentar para por em prática o grande "Método Paulo Freire."

Paulo Freire: Educação para o



MARIA ÂNGELA TOTÔ ZEFERINO
ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR
EMÍLIO PEREIRA DE MAGALHÃES,
ITABIRA - MG

CATEGORIA
ESTUDANTE DO EJA

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSORA
ELISABETH SILVA

Mesmo diante de todo o desenvolvimento tecnológico mundial, dos anos 60 onde a era eletrônica viria sem dúvida abranger o mercado mundial, Paulo Freire com seu olhar perfeito, clínico, subjetivo e pedagógico, tinha ampla visão desse futuro crescimento.

Este não cruzou os braços diante de tanta ignorância, pobreza e miséria, atendendo ao seu instinto, arregaçou as mangas, foi a luta. Sem hesitar acreditou, com certeza na capacidade do ser humano, sua mente e seu raciocínio, como a mais perfeita obra de Deus. Assim, abençoado também por ele, conseguiu sugerir soluções às vidas mais simples da América Latina, entrou no cotidiano de cada ser e mostrou soluções às questões do dia-a-dia em relação à educação, expandiu-se em áreas jamais imagináveis. Todos os alfabetizados puderam seguir adiante, se sentindo verdadeiramente patriotas e cidadãos, brigando pelos seus direitos, sem permanecerem de cabeça baixa, pois descobriram através da educação recebida que: eram iguais aos outros sem distinção de raça e condições sociais, que também fazem parte desta multidão que caminha em direção à liberdade, ou seja, à vida com os mesmos direitos.

Imediatamente após criado o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), alcançou pessoas de todas as idades, melhorando assim a mão-de obra para o mercado de trabalho elevando o ego, a auto-estima e a convivência social destas.

Seu primeiro passo foi o MEC, para a implantação do plano Nacional da Alfabetização, depois criou a comissão Regional de Cultura Popular do Distrito Federal. Experiência que nas cidades satélites, estendeu-se até o setor de limpeza pública; foram instalados os círculos de cultura em pequenas igrejas, galpões ou escolas, com auxílio do próprio grupo interessado, funcionando à luz de lampiões e com mobiliário improvisado usando recursos da própria comunidade provando, que ele com sua teoria,

o futuro

havia atingindo seu alvo. Conscientizamo-nos assim, que o povo analfabeto é realmente povo escravo, então organizar-se é pouco, diante de tão grande benefício, e assim, os mais distantes rincões da terra seu projeto alcançou.

No Conselho Mundial da Igreja, mais uma vez pôde provar sua tese, quando fala da África, como país de terceiro mundo, tanto no domínio sócio-econômico, como sócio-cultural.

Tendo contato com diferentes classes sociais Paulo Freire conheceu de perto a realidade de cada país como: Índia, Estados Unidos, Tailândia, Portugal, França, Grécia, Noruega, Inglaterra, Senegal e África do Sul. Deixou por lá sua contribuição como educador, e aprimorando sua sabedoria, também trouxe para nós uma grande bagagem de conhecimentos.

Acredito que como ser humano, experimentou as diferentes emoções e situações vividas, quando ficou preso por alguns dias e logo após, exilado no Chile, tanto assim escreveu sua obra principal: Pedagogia do Oprimido.

Assim podemos avaliar através de livros de Paulo Freire bem como todos os seus trabalhos registrados ao longo dos anos, a sua capacidade de abranger uma área tão complexa que é a educação, e percebemos que não podemos em hipótese alguma deletar esta metodologia. São páginas da história que mostram a sensibilidade, simplicidade e coragem de Paulo Freire que contribuiu intensamente para a educação.

Como aluna e participante da sociedade do nosso país ousou-me sugerir que os trabalhos de Paulo Freire não se percam ao longo dos anos. Seria interessante a inclusão destes na Constituição Estadual ou Federal dentro da proposta curricular (Educação básica) nos conteúdos de História ou Literatura as idéias do educador, assim estará garantida a continuidade do modelo de alfabetização na comunidade, na cidade, no país e no mundo. Um processo lento transformador para os anos vindouros.

Paulo Freire: o ícone da educação mundial



MARIA DIVINA P. DOS SANTOS
ESCOLA ESTADUAL
DR. CARLOS ALBUQUERQUE,
MONTES CLAROS-MG

CATEGORIA
ESTUDANTE DO EJA

CLASSIFICAÇÃO
3º LUGAR

PROFESSORA
CLÁUDIA S. BARRAL ALVES

A busca por melhores condições de vida e pela sobrevivência acaba com sonhos de milhões de pequenos brasileiros. Sem condições financeiras não tem acesso sequer a educação básica. Com isso não podem ao menos disputar de igual para igual uma vaga de garçagem oferecida por prefeituras de todo país. Realidade ou imaginação, mas infelizmente é pura realidade.

Qual será a força que move esta nação tão sofrida, tão acostumada a todo tipo de injustiça, onde o poder público não se preocupa sequer com a alimentação de milhões de crianças que morrem por desnutrição e ou acabam se enveredando pelo mundo das drogas e do crime por não ter opções de vida? De onde vem tanta alegria estampada no rosto dos brasileiros e divulgada internacionalmente como um povo feliz e batalhador? De onde vem esse orgulho de ser brasileiro e onde quer que esteja bate forte no peito e grita em voz alta que ama este país?

Pesquisei, li e descobri que a garra, a força, a alegria contagiante do povo brasileiro vem de si mesmo. Surpreso? É isso mesmo, vem de brasileiros que por suas atitudes, coragem, ousadia, competência, enchem de força e orgulho uma nação. E um dentre esses brasileiros, um nos chama a atenção por sua determinação. Brasileiro que enfrentou tantas barreiras e lutou pela sobrevivência, mas que sobressaiu para poder encher um povo de alegria e esperança. Estou rodeando para falar de um dos filhos mais ilustres desta nação, o ícone da educação mundial, um cidadão do mundo, uma referência para todos os educadores deste planeta. Estou falando de Paulo Freire, um educador que com sua garra nos deixou um exemplo vivo, e que fez das dificuldades uma escalada em busca do crescimento pessoal. Exemplo? Não é só isso! Ele nos deixou as portas abertas para o mundo. Falar de Paulo Freire parece fácil, pois foi uma pessoa que teve uma vida pública de total dedicação à educação, referência em alfabetização para jovens e adultos. Nosso grande educador como a maioria dos brasileiros encontrou muitas dificuldades, nasceu em uma região pobre, teve uma infância difícil, foi exilado. Mas a vontade de vencer desse cidadão brasileiro através do seu esforço fez dele um cidadão especial. Venceu! Colecionou títulos que muitos poucos conseguiram em suas vidas e deixou-nos muito a ser seguido.

Paulo Freire fez pela educação mundial o que os governos, e todos deveriam fazer e não fazem. Seu método

EXPEDIENTE

PRESIDENTE/Édison Zenóbio; **VICE-PRESIDENTE/**Gladstone Vieira Belo; **DIRETOR-EXECUTIVO/**Márcio Ari Cunha (Vice-Presidente), Gilberto de Andrade Faria, Mário Pacini, Arnaldo da Costa Prieto, Edison Zenóbio, Manoel José Alberto Couto Maciel e Ney Octaviani Bernis; **ORGANIZAÇÃO /** Alessandra Wassouf e Angela Ferro

e ial

do de alfabetização é usado por muitos educadores. Suas obras literárias são de uma importância sem igual para pedagogos do mundo inteiro.

A coragem de por em prática uma proposta inovadora de educação onde a alfabetização torna-se um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação, fez dele um brasileiro a ser exilado nos anos 60. Em sua primeira experiência em 1963 Paulo Freire ensinou 300 adultos a ler e a escrever em apenas 45 dias. Esse trabalho o consagrou como educador e esse método foi adotado no Estado de Pernambuco.

Por desenvolver uma metodologia de alfabetização ousada, foi acusado e preso, pois achavam que ele estava subvertendo a ordem instituída. Apesar de tudo, sempre teve senso de humor muito aguçado, e sentia grande indignação contra todo tipo de injustiça. Seu trabalho revela dedicação e coerência aliados a convicção de luta por uma sociedade mais justa.

Paulo Freire representa um dos maiores educadores do século XX. Sua pedagogia mostra um novo caminho para a relação entre educadores e educandos. Caminho este que consolida uma proposta político-pedagógica elegendo educadores com sujeitos do processo de construção do conhecimento mediatizados pelo mundo, visando a transformação social e construção de uma sociedade justa, democrática e igualitária. Ele provou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade. Neste sentido a educação deve ser um instrumento de transformação global do homem e da sociedade tendo como essência o diálogo.

Paulo Freire foi e sempre será um exemplo para os educadores deste país. Sua metodologia de ensino continuará por muitos anos a ajudar pessoas como eu que devido à necessidade de trabalhar para dar prosseguimento ao processo de sobrevivência retornei à escola para aprender a ler o mundo. Graças ao seu método de ensino para adultos podemos voltar após longos anos a uma sala de aula e resgatar a nossa dignidade.

São pessoas como Paulo Freire que nos impulsiona, que nos faz encher o peito e com muito orgulho dizer sem medo de ser feliz - sou brasileiro!

"...Mãos de homens ou de povos que se estendam menos em gestos de súplicas, e se vão fazendo cada vez mais, mãos humanas que transformam o mundo..."

Paulo Freire